



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA**

JOSÉ CARLOS MENEZES

**DOCUMENTAÇÃO DAS TÉCNICAS E DOS PENTEADOS
AFROS APLICADOS AO CABELO CRESPO**

Cachoeira – Bahia
2017

JOSÉ CARLOS MENEZES

**DOCUMENTAÇÃO DAS TÉCNICAS E DOS PENTEADOS
AFROS APLICADOS AO CABELO CRESPO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Museologia, apresentado no Centro de Artes Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Orientador: Prof^o. Dr. Henry Luydy Abraham
Fernandes

Cachoeira – Bahia
2017

Catálogo-na-Publicação: Biblioteca Universitária de Cachoeira - CAHL/UFRB

Menezes, José Carlos.

Documentação das Técnicas e dos Penteados Afros Aplicados ao Cabelo Crespo. – Cachoeira, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Henry Luydy Abraham Fernandes.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal da Bahia, 2017.

1. Identidade Cultural. 2. Cabelo e Penteado Afro.
3. Mulheres Negras. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Artes, Humanidades e Letras.

JOSÉ CARLOS MENEZES

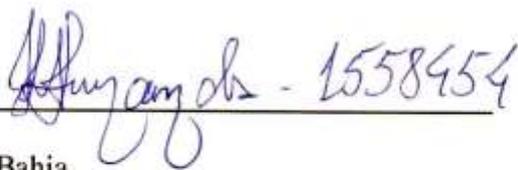
**DOCUMENTAÇÃO DAS TÉCNICAS E DOS PENTEADOS
AFROS APLICADOS AO CABELO CRESPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Museologia pelo Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Aprovado em 05 de Abril de 2017

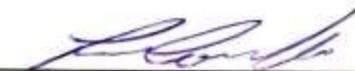
BANCA EXAMINADORA

Henry Luydy Abraham Fernandes (Orientador)

 - 1558454

Doutor em Antropologia – Universidade Federal da Bahia
Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof.^a Dr.^a Fabiana Comerlato (Membro Interno)

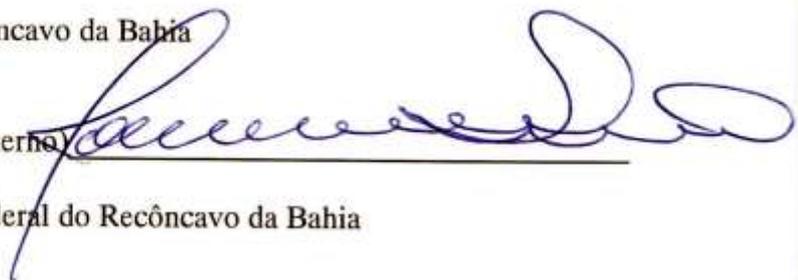


Pós-Doutora em Ciências Sociais com Concentração em Arqueologia
– Universidade Federal da Bahia
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Bel. Jomar Lima da Conceição (Membro Externo)

Gerente Técnico da Fundação Hansen Bahia

Bacharel em Museologia – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



AGRADECIMENTOS

Ao Criador do Universo pela resignação, resistência e determinação concedidas nos dias mais difíceis dessa jornada acadêmica.

À minha mãe Dete Menezes e aos meus avós maternos Augusta Menezes e Manoel Menezes (in memorian) pela minha existência e pelo incentivo aos estudos e ao trabalho.

À minha companheira constantemente dedicada e abnegada Dinélia Oliveira Menezes, pelo apoio e pelo encorajamento proporcionados antes e durante todo esse período de estudos e de batalhas.

Ao ilustre e magnânimo professor Henry Luydy Abraham Fernandes pelos seus ensinamentos e pela sua dedicação à nossa orientação monográfica. Pela determinação e paciência para conosco, não apenas no TCC, mas, durante todo o curso e em todas as suas disciplinas.

Aos ilustres professores do curso de Museologia pela transmissão de conhecimento, pelo incentivo, paciência e abnegação: Professora Ana Paula Pacheco, Rita Dória, Rita Salvador, Fabiana Comerlato, Cristina Ferreira, Suzane Pinho, Carlos Costa, Sabrina Sant' Anna, Ivana, Hérica Lene, Harchmedes Amazonas, Patrícia Santos.

Aos queridos colegas pelos momentos inesquecíveis, tristes e alegres, e pela convivência durante o período de estudos.

A todas as profissionais dos salões pesquisados e suas respectivas clientes envolvidas na nossa pesquisa, pela contribuição. E a todos que forneceram os registros etnográficos.

À empresa Teck Arth em nome da Elem, pelos eficientes trabalhos finais executados como: formatação, impressão e encadernação dos exemplares.

À excelentíssima Banca Examinadora pela sua competência na análise geral do nosso TCC.

“Livres são as cabeças e os penteados africanos”

Raul Lody

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1.ASPECTOS HISTÓRICOS DO USO E DO SIGNIFICADO DOS PENTEADOS AFROS	12
1.1. CONCEITOS DE DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA	12
1.2. CONCEITOS DE VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRICANA	14
1.3. CONCEITO HISTÓRICO / ANCESTRALIDADE.....	14
1.4. AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA.....	18
1.5. O ESTIGMA SOCIAL	21
1.6. NOSSAS IDEIAS	24
2. APRESENTANDO A PESQUISA	26
2.1. TÉCNICAS E PENTEADOS APLICADOS AO CABELO CRESPO	27
2.2. TÉCNICAS DE ALONGAMENTOS	29
2.3. PENTEADOS.....	31
2.4. SALÕES PESQUISADOS.....	33
2.5. TABELA DOS SALÕES PESQUISADOS.....	34
3. METODOLOGIA DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS	36
3.1. HISTÓRIA DOS CABELOS LISOS ATRAVÉS DAS DÉCADAS.....	37
3.2. PRODUTOS QUÍMICOS.....	39
3.3. A COLETA DOS DADOS.....	40
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44
Apêndice 1 – Coleta de Dados	46
Apêndice 2 – Coleta de Dados	47
Apêndice 3 – Etnografia	53

LISTA DE IMAGENS

Figura 1	Cabeleireira Caliane Araújo.....	53
Figura 2	Filha da Caliane Araújo	53
Figura 3	Filha da Caliane Araújo	53
Figura 4	Tranças Soltas e Coloridas da Cabeleireira Jumara Santos (Babiu)	54
Figura 5	Tranças Soltas e Coloridas da Cabeleireira Jumara Santos (Babiu)	54
Figura 6	Tranças com Cabelos Artificiais da Cabeleireira Babiu	54
Figura 7	Tranças com Cabelos Artificiais da Cabeleireira Babiu	54
Figura 8	Trança Nagô da Cabeleireira Caliane Araújo	55
Figura 9	Trança Nagô da Cabeleireira Caliane Araújo	55
Figura 10	Trança Nagô da Cabeleireira Caliane Araújo	55
Figura 11	Cabelos Sintéticos (Alongamentos).....	55
Figura 12	Cabelos Naturais (Alongamentos).....	55
Figura 13	Cabelos Naturais (Alongamentos).....	55
Figura 14	Cola Preta (Queratina)	56
Figura 15	Prancha de Fio a Fio	56
Figura 16	Colando o Cabelo com a Prancha.....	56
Figura 18	Tesoura	56
Figura 19	Elastek Preto / Cabelos Naturais	56
Figura 20	Alongamento realizado pela Cabeleireira Mica.....	57
Figura 21	Alongamento de Autoria da Mica (Lateral)	57
Figura 22	Cabelos Naturais de 1 Metro / por Marilene Teles.....	57
Figura 23	Cabelos Naturais Aplicados pela Cabeleireira Marilene Teles.....	57
Figuras 24 a 26	O Black Power da Jornalista e Cabeleireira Lorena Moraes	58
Figuras 27 a 31	1ª Marcha do Orgulho Crespo em Cachoeira – Ba	59
Figuras 32 e 33	Dreadlocks (Rastafari).....	60
Figura 34	Cabelos em Fase de Crescimento Cultivando os Dreads.....	60

MENEZES, José Carlos. **Documentação das Técnicas e dos Penteados Afros Aplicados ao Cabelo Crespo – Cachoeira/BA**. 2017. 60f. Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharelado em Museologia – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2017.

RESUMO

O presente trabalho que está inserido na área da Documentação Museológica tem como objeto de pesquisa o cabelo crespo das mulheres negras. Trata-se das técnicas e dos penteados afros aplicados ao cabelo. O objetivo é definir o cabelo crespo na visão das clientes e das cabeleireiras dos cinco salões pesquisados na cidade de Cachoeira - Bahia. Saber a motivação que as levam a manter o cabelo como reflete na sua identidade cultural. Esses são fatores essenciais para melhor compreendermos por que algumas delas preferem aderir às intervenções químicas e outras, aos penteados afros e aos alongamentos. Nossa metodologia envolve observação participante, entrevistas, questionários, relatos, registros fotográficos, leituras, anotações. E apresenta os principais autores lidos. Escolhemos o tema cabelo crespo das mulheres negras pelo fato de sermos afrodescendentes e ter o sentimento de pertencimento e esse grupo étnico racial negro. E pelo incentivo de determinados professores (as) do curso de museologia da UFRB, para realizar um TCC sobre esse tema. Nossos esforços foram satisfatórios devido ao fato de termos sido aceitos nos espaços pesquisados e pelas entrevistadas terem se disponibilizado. As clientes dos salões pesquisados responderam de forma diferenciada, quando perguntamos o que é cabelo crespo: “Cabelo ressecado”; “difícil de cuidar”; “cabelo negro”; “cabelo duro, cabelo massa”; “cabelo indefinido”; “São aqueles que nascem espiralados. São opacos e ressecados pela dificuldade da oleosidade natural do couro cabeludo chegar até as pontas. Geralmente são frisados ou encaracolados; Um cabelo que precisa de química para alisar”; “Cabelo mau tratado”; “Cabelo que não é cuidado”; “Cabelos com estrutura capilar em forma de espiral, mais áspero e originário de negros ou que carregam estes traços.”

Palavras-Chave: 1. Identidade Cultural. 2. Cabelo e Penteados Afros. 3. Mulheres Negras.

INTRODUÇÃO

A escolha do tema *cabelo crespo das mulheres negras* que se insere na área da Documentação Museológica, ocorre acima de tudo, pelo fato de sermos afrodescendentes e ter o sentimento de pertencimento e esse grupo étnico racial negro. Por outro lado, obtivemos o privilégio de receber o incentivo de determinados (as) professores (as) do curso de museologia da UFRB, para realizar um TCC sobre esse tema. Esses fatores foram cruciais para a nossa motivação.

A nosso trabalho, a documentação das técnicas de alongamentos e dos penteados afros, tem o objetivo de definir o cabelo crespo na visão das clientes e das proprietárias dos salões pesquisados na cidade de Cachoeira - Bahia, descrevendo os cuidados que se aplica ao cabelo. Além de saber a motivação que as levou a mantê-lo como reflete na sua identidade.

Para GOMES (2002, p. 9) ao destacar o cabelo crespo e o corpo do negro esta etnografia coloca-nos diante de um campo mais vasto e mais profundo, a saber, a construção da estética corporal. Esta também apresenta uma dimensão simbólica que trafega em vários contextos. De acordo com Gomes o corpo humano é o primeiro motivo de estética, de beleza, possuidor de um elemento maleável que, tal como a madeira e o barro, também possibilita diferentes recortes, detalhes e modelagens, como o cabelo. Por isso corpo e cabelo, no plano da cultura, puderam ser transformados em emblemas étnicos. Lody acrescenta:

O barro circula sobre diferentes suportes, mas sempre revela uma relação com o imaginário fundante do mundo, estabelecendo contatos e representações diretas entre o homem, o mito e a natureza. Ele se destaca como importante elemento estético nos penteados africanos, em especial em alguns povos do sistema etnolinguístico Banto, na África Austral. (LODY, 2004, p. 81)

Raul LODY (2004, p. 14), cita uma epígrafe emblemática em que diz: “Segundo Platão, a cabeça humana é a imagem do mundo. [...]. Até hoje a cabeça representa o lugar mais sagrado do corpo em todos os povos e culturas do mundo.”

No primeiro capítulo apresentamos algumas referências teóricas sobre a documentação museológica extraídas de Renata Cardoso Padilha (2014), Silvia Yassuda (2009), Helena Dodd Ferrez (1991). Elas destacam que a documentação museológica é de extrema importância para a construção e a transmissão do conhecimento acadêmico, e para a salvaguarda e preservação da memória.

Fazendo com que o nosso trabalho torne-se útil perante o campo da documentação museológica e traga reais contribuições para o meio acadêmico e especialmente para os cursos de museologia e ciências sociais. Já que a museologia é por sua vez uma ciência social aplicada. Além dos conceitos sobre a documentação museológica, o 1º capítulo apresenta o contexto histórico e a importância da ancestralidade para a diáspora africana. Destacando o passado e a memória e as formas como se usava o cabelo em África e seus significados.

Na sequência, para entendermos o significado do cabelo rapado, remetemo-nos aos textos bíblicos em que se referem a Sansão no livro de Juízes, (cap.16, versículo 19, p. 271). Segue o capítulo 1 destacando a questão da identidade étnica, classificando as tranças de origem nigeriana, o black power americano dos anos 60 e os dreadlocks (rastafári) jamaicano dos anos 70, como movimentos de afirmação da identidade étnica. Pontua ainda sobre o estigma sofrido pelo negro brasileiro por conta do seu cabelo crespo e da sua pele negra. Ressalta as relações complexas, tensas e conflituosas existentes entre negros e brancos. Os principais autores do 1º capítulo são: Nilma Lino Gomes (2002); explica a expressão *salões étnicos* afirmando que “essa classificação é usada para destacar a especificidade racial da clientela prioritariamente atendida por esses estabelecimentos, a saber, negros e mestiços”. Raul Lody (2004) enfatiza “o emblema da década de 1960 é o “corpo assumido”, ou seja, é valorizar a beleza negra como lugar de orgulho e de pertencimento cultural”. Ciranilia Cardoso da Silva (2012) se referindo à indumentária, e à visualidade africanas, ressalta que “suas origens são angolana e nigeriana.” Cíntia Tâmara Pinto da Cruz (2013) pontua que “o movimento *black power* foi um movimento americano que elegeu o cabelo como símbolo de consciência racial, influenciando a importância da afirmação do cabelo crespo no processo de assunção identitária afrodescendente no Brasil nos anos 70.”

Danilo Rabelo (2006) explica o surgimento do movimento rastafari em 1933 como movimento cultural e religioso de contestação econômica, política e social contra o imperialismo britânico e a marginalização da população jamaicana. Rafaela Fagundes (2010) pontua “entre algumas das culturas africanas que vieram para o Brasil na diáspora, estão a dos povos *Wolof*, *Mende*, *Mandingo* e *Iorubás*”. Lívio Sansone (2004); José João Reis (2003); Lília Moritz Schwarcz (1993); Juvenal de Carvalho Conceição (2012).

No segundo capítulo mostramos a forma como foi feito o presente trabalho e como foi realizada a pesquisa de campo. A observação participante, entrevistas, questionários, relatos das informantes, registros fotográficos, leituras e anotações foram fatores úteis para a realização. Destacamos os principais teóricos lidos como: Nilma Lino Gomes (2003) destaca que “o negro vê a intervenção no cabelo e no corpo mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético. É identitária.” Aline Ferraz Clemente (2010); Ângela Figueiredo (2002) refere-se às novas formas de cuidar dos cabelos crespos e étnicos. Ciranilia Silva (2012) pontua “a prática de trançar os cabelos na Bahia tem como palco de localização o bairro do Pelourinho, centro Histórico de Salvador.” Danilo Rabelo (2006); Cíntia Tâmara (2013); Raul Lody (2004). Apresentamos os relatos da cabeleireira Mislene Muniz, da cabeleireira e jornalista Lorena Morais, e da cliente Daiane dos Santos. Destaque no 2º capítulo para as descrições das técnicas e dos penteados aplicados ao cabelo crespo, como propõe o tema do presente trabalho, e, de acordo com a tabela apresentada. São apresentados ainda a tabela dos salões pesquisados e a metodologia de coleta e análise de dados.

O terceiro capítulo apresenta os resultados da pesquisa de campo, ou seja, a forma como dirigimo-nos às nossas informantes, como elas nos receberam e como se comportaram perante a nossa observação participante. Mostramos as dificuldades que tivemos de registrar imagens dos cabelos antes de serem arrumados ou de receberem os seus devidos tratos e cuidados. Esse capítulo pontua através de Nilma Gomes (2002, p. 8), “que nos salões de cabelo crespo, visto socialmente como estigma da vergonha é transformado em símbolo de orgulho”. Destacamos a participação da empresária e cabeleireira Marilene Teles, que fornece - nos informações sobre a confecção e a utilização dos cabelos naturais e sintéticos para a realização dos alongamentos. Segundo Ângela Figueiredo (2002, p. 4), “o mundo do cabelo também reflete as dinâmicas da globalização”. Ainda no 3º capítulo, alguns questionamentos como: o que motiva as pessoas a aderirem ou utilizarem os alongamentos ou a trança afro? Se, por questão de moda, estética, autoestima, ou por afirmação da identidade étnica? Para Raul Lody (2004, p. 59), “Pentear e mostrar os cabelos é comunicar, receber reconhecimento da cultura, manifestar beleza e padrão estético.”

1. ASPECTOS HISTÓRICOS DO USO E DO SIGNIFICADO DOS PENTEADOS AFROS

Neste 1º capítulo o nosso intuito é abordar um breve histórico do tema cabelo crespo, destacando conceitos da documentação, a ancestralidade, a ressignificação africana e sua valorização como elementos fundamentais para o encaixe deste trabalho no campo da documentação museológica.

1.1 - CONCEITOS DE DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA

De acordo com Renata Cardoso Padilha:

Documento é qualquer objeto produzido pela ação humana ou pela natureza, independentemente do formato ou suporte, que possui registro de informação. O documento pode representar uma pessoa, um fato, uma cultura, um contexto, entre outros. Ele se caracteriza como algo que prova, legitima, testemunha e que constitui de elementos de informação. Ao ser criado, o documento apresenta forma e função, características essas que irão estabelecer suas possibilidades de uso e de salvaguarda posterior. A origem, o formato e a sua funcionalidade são fatores que, muitas vezes, determinam se ele será documento de arquivo, biblioteca ou museu. Ao ser pesquisado, o documento permite a extração das informações intrínsecas e extrínsecas, ao mesmo tempo em que novos usos e significados podem ser construídos. O documento é suporte que evidencia algo a alguém e que, ao passar por um processo técnico específico, manifesta seu potencial informativo. Ele é o meio que nos traz a informação e, assim, permite que o indivíduo produza conhecimentos diversos. (PADILHA, 2014, p 14)

A partir do conceito acima, entendemos que o nosso trabalho possui um viés de pesquisa documental e documentação museológica, pelo fato de ser um objeto produzido pela ação humana é um suporte de informações e significados. Sendo assim, este trabalho acadêmico é um documento que utiliza todos os elementos de informações para salvaguardar dados para futuras pesquisas. Pois, remete-nos à celebração do passado e da memória, uma vez que, trata-se de um tema de ressignificação na diáspora africana: *cabelo crespo das mulheres negras*. Para Ciranilia Cardoso da Silva:

Esses penteados cujo principal centro de produção é o Centro Histórico de Salvador - BA tem sua origem em diversas nações do continente africano, sobretudo na Nigéria, país em que a valorização esteve e ainda hoje se encontra voltada para simbologias ritualísticas, religiosas e cotidianas, sendo traços diacríticos representativos quanto ao papel das pessoas em seus respectivos grupos sociais, inclusive a religiosidade e condição de gênero da mulher, a este exemplo os penteados de mulheres virgens, viúvas, solteiras, casadas, religiosas, obedientes aos seus maridos, independentes, etc. No entanto a partir do contexto da diáspora africana em que povos de diferentes regiões do continente migraram para o Brasil,

essas simbologias passam por um processo de reconstrução de significados se adaptando a dinâmica cultural de outra realidade. (SILVA, 2012, p. 2)

Segundo Raphaela M. Fagundes (2010, p. 3), entre algumas das culturas africanas que vieram para o Brasil na diáspora, estão a dos povos *Wolof*, *Mende*, *Mandingo* e *Iorubás*. De forma que, aqui tais culturas se adaptaram e se remodelaram. Ou seja, alguns significados deixaram de existir ou foram reinventados, assim como as técnicas, que apesar de alteradas, resistiram ao tempo e espaço.

Para Renata C. Padilha (2014, p 15), assim, pode-se compreender que a informação está atrelada a um documento, que comporta um significado e que, ao entrar num processo comunicativo, emite uma mensagem. No âmbito da documentação museológica, de acordo com Silvia Yassuda (2009, p. 10), a pesquisa enfoca a catalogação de objetos de museus como ação mediadora entre o público e o acervo, contribuindo na construção do conhecimento e preservação da memória.

Sendo assim, as informações intrínsecas deste documento estarão contidas nas imagens fotográficas, que através da comunicação entre o pesquisador e a imagem, percebemos diferentes técnicas e penteados afros, assim como os seus significados.

De acordo com Helena Dodd Ferrez (1991, p.1), a documentação de acervos museológicos é o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão do conhecimento. (FERREZ, 1991, p.1)

Portanto, entende-se através dos teóricos acima citados, que a documentação museológica é necessária para a construção e a transmissão do conhecimento acadêmico, e para a salvaguarda e preservação da memória.

1.2 – CONCEITOS DE VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRICANA

De acordo com Nilma Lino Gomes (2002, p. 6), o universo dos salões de beleza, os espaços onde se realizou essa pesquisa são chamados de salões étnicos. Essa classificação é usada para destacar a especificidade racial da clientela prioritariamente atendida por esses estabelecimentos, a saber, negros e mestiços. Ela também é atribuída devido ao pertencimento étnico/racial do proprietário ou proprietária, à especificidade do serviço oferecido, a saber, o trato do cabelo crespo e à existência de um projeto de valorização da beleza negra.

Segundo Raul Lody (2004, p. 91), o emblema da década de 1960 é o “corpo assumido”, ou seja, é valorizar a beleza negra como lugar de orgulho e de pertencimento cultural. É assumir os cabelos soltos, as grandes cabeleiras, conhecidas internacionalmente como Black Power – o cabelo black power. Assim, vê-se a estética de base étnica e cultural apoiando e revelando os desejos de conquistas sociais dos movimentos negros. De acordo com Aline Ferraz Clemente (2010, p. 8), o movimento chegou ao Brasil, inicialmente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, e aos poucos tomando força no restante do país, criando um discurso afirmativo e de valorização dos padrões estéticos da população negra.

1.3 – CONTEXTO HISTÓRICO / ANCESTRALIDADE

De acordo com Lody (2004, p. 59): “Território livre, ancestral e contemporâneo, dinâmico e tradicional é a cabeça. Lugar que revela o homem, seu grupo social, sua história, a cabeça define a identidade e traduz o sentimento de pertencimento a um grupo.” Sara Pereira dos Santos (2010) ressalta que:

Africanos e afrodescendentes construíram historicamente marcas na estrutura urbana da cidade de Cachoeira tanto no período da escravidão quanto em períodos posteriores ao 13 de maio. Exemplo disso é a Igreja do Rosarinho fundada em 1864 e o Cemitério dos Negros em 1874, ambos criados por membros da Irmandade de Nossa Senhora do Sagrado Coração do Monte Formoso ou Irmandade dos Nagôs, na sua maioria, africanos legítimos e afrodescendentes, estes construíram o cemitério para sepultar negros vinculados à confraria, em um local que mais tarde passaria a se chamar Bairro do Rosarinho. (SANTOS, 2010, p. 2)

Por se tratar de uma pesquisa sobre as técnicas e penteados aplicados aos cabelos de maioria afrodescendente, importa destacar nossa concepção de territorialidade, bem como de território de maioria afrodescendente.

Ao lado das culturas nativas, segundo Lody (2004, p.19), a cultura africana é especialmente importante na história dos países que foram escravocratas. Para ele, é preciso considerar a influência africana nos conceitos estéticos dos colonizadores e a participação de sua cultura na formação da identidade dessas civilizações.

Percebe-se então, que a cidade é marcada por uma forte cultura étnica e sincrética, semelhante à capital do estado da Bahia, Salvador. Por conta disso é que a cidade de Cachoeira é o nosso recorte local para a realização da nossa pesquisa, a qual tem como objeto o cabelo crespo, um dos fatores marcantes da cultura afro brasileira, que está inserido no contexto da afirmação da identidade, como afirma Lody (2004):

Livre é a arte de tratar os cabelos: trançados, untados de óleos e gorduras; com pigmentos que vão do barro ao azul índigo; adornados de búzios, penas, fibras, tecidos, ouro, contas de coral, marfim, âmbar, vidro, material reciclado, plástico, metais, papel e tudo o mais que, incluído no penteado, manifesta expressão e desejo de experimentar e revelar o belo, que é antes de tudo identidade. (LODY, 2004, p. 13)

Segundo Nilma Gomes, “o cabelo e o corpo são pensados pela cultura”.

Nesse sentido, o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. Por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos. (GOMES, 2002, P.2)

Desde a Antiguidade segundo Lody (2004, p.14), os cabelos recebem atenção especial dos povos. Os Assírios deixavam os cabelos soltos em cachos, até os ombros, sendo um padrão de beleza da época. Entre os nobres, os homens usavam capacetes e as mulheres, fitas.

Assim, nos remetemos à celebração do passado e à memória para registrar a forma como se usava o cabelo em África, e para mostrar o significado de suas técnicas e penteados afro para a cultura local, que se reconstrói na diáspora africana.

De acordo com Lody (2004, p. 65): Para a cultura africana, o corpo é um espaço de manifestação artística, notadamente a cabeça, orí. Os cabelos e os penteados assumem para o africano e os afrodescendentes a importância de resgatar, pela estética, memórias ancestrais, memórias próximas, familiares e cotidianas.

Segundo Nilma Lino Gomes (2002, p.2), o cabelo crespo, objeto de constante insatisfação, principalmente das mulheres, é também visto, nos espaços onde foi realizada a pesquisa, no sentido de uma revalorização, o que não deixa de apresentar contradições e tensões próprias do processo identitário. Para Gomes (2002, p.2), essa revalorização extrapola o indivíduo e atinge o grupo étnico/racial a que se pertence. Ao atingi-lo acaba remetendo, às vezes de forma consciente e outras não, a uma ancestralidade africana recriada no Brasil. Segundo Ciranilia Silva, (2012, p. 4), se referindo à indumentária, e à visualidade africanas de origem angolana e nigeriana:

Uma dessas raízes da visualidade africana que costumam ser geralmente iorubanizadas são os penteados que eram e são muito utilizados na Nigéria. Lá eles possuem significados. No livro “Cabeças de Axé” de Lody (2004) que escreve sobre os penteados africanos e suas simbologias abrangendo aspectos ligados a crenças, temporalidade, relações sociais, de ordem econômica e de gênero, ritos de passagem presentes em penteados que significam e identificam mulheres em luto, mulheres solteiras, mulheres virgens, mulheres casadas, etc., tratando também da importância da cabeça para o povo negro enquanto espaço de expressão étnica e identitária, na medida em que cada desenho dos penteados traduz reconhecimento social, a identificação de uma festa, de um ritual religioso, da condição social, econômica e também sexual. (SILVA, 2012 Apud, LODY, 2004).

Ainda dando ênfase à visualidade africana destacamos o que diz Lody (2004) sobre o uso dos turbantes:

Na cabeça baiana, um torso ou turbante, geralmente branco, forma um arranjo que é quase uma coroa. Sob ele estão os cabelos penteados, muitos deles trançados, bem arranjados para assim compor com os panos as belas cabeças; cabeças de rainhas do dendê. [...] Se na cabeça se situa o plano da nossa opção racional entre o que é verdadeiro, ilusório, certo, errado, etc., o turbante simboliza e reforça a consciência espiritual. Na concepção muçulmana, o turbante opõe-se a tudo que é profano, ele protege o pensamento sempre propenso à dispersão, ao esquecimento. (LODY, 2004, p.79)

De acordo com Silva (2012, p. 6), a trançadeira Lola Akanni, uma das mais conhecidas de Salvador, relata: “as tranças que são feitas aqui, são dos penteados nigerianos.” Akanni afirma, segundo Silva (2012), “que as tranças possuem diversos nomes e significados na cultura nigeriana e materiais utilizados, mas, já as tranças feitas em Salvador, revelam uma preocupação maior com a estética africana, a beleza, a afirmação ao invés do significado do penteado em si”.

Para o africano escravizado, segundo Gomes (2002, p.8). “rapar a cabeça tinha um significado singular. Ele correspondia a uma mutilação, uma vez que o cabelo para muitas etnias africanas era considerado uma marca da identidade e

dignidade.” Para Gomes (ib), “rapar a cabeça era uma forma de violência imposta ao escravo.” No antigo Egito, na África, segundo Lody (2004, p.15), havia o hábito de se rapar a cabeça. Assim, em cerimônias religiosas, homens e mulheres usavam perucas que, além de ostentarem cabelos em penteados especiais, tinham como complementos peças feitas de ouro, pedras preciosas e outros materiais, revelando conceitos de beleza e hierarquia social.

Lody ainda pontua que, “na Idade Média, os povos primitivos da Europa, os chamados bárbaros, tinham por princípio que cabelos longos distinguiam os homens livres dos escravos (estes eram obrigados a usar cabelos curtos).” Ainda de acordo com Lody:

A cabeça depilada também faz parte da estética dos penteados africanos. Assume significados geralmente religiosos e marca ritos de passagem, quando a pessoa ocupa um novo papel social. Em alguns ritos de passagem, a cabeça segue um rigoroso cerimonial de raspagem, quando é preparado o lugar onde a iniciação terá o seu momento crucial. (LODY, 2004, p. 68)

A iniciação na qual o teórico se refere é um ritual em que, o corpo da pessoa denominada noviça, ou iaô, é transformado e nasce de novo, após a inserção na religião de matriz africana. O corpo do iniciado segundo Lody (2004, p.68), “é rapado e pintado. E sem pelos, recebe pinturas de símbolos específicos, que marcam definitivamente sua pele.” Ocupando desse modo, um novo espaço na sociedade.

Porém, o significado social do cabelo atravessou o tempo, adquiriu inúmeras formas e técnicas, e permanece resistente e forte na personalidade dos negros (as) da contemporaneidade. O surgimento dos salões étnicos é uma prova de que a afirmação da identidade é fato.

Segundo Silva, (2012, p. 10) “são diversos os modelos de tranças, entre eles tranças tiara, tranças nagôs ou coqueirinho, dred, têtêê, pinauna, com flores, zig-zag, rastafári, trança moicano. Assim como os materiais como lã, cordão, miçanga, linha, búzios, palha da costa.” Homens e mulheres utilizam esses acessórios, com o objetivo de ficarem mais atraentes nas festas ou nos eventos culturais, e acima de tudo, é uma questão de pertencimento grupal, resistência e afirmação da identidade negra. Ou seja, os materiais citados anteriormente são utilizados para enfeitar os cabelos.

Nos tempos bíblicos homens e mulheres usavam tranças com ornamentos sofisticados e entrelaçavam seus cabelos e usavam joias para prender as pontas. A Bíblia (JUÍZES, 16:19, p. 271) relata que o cabelo significava força para o homem: “ Então ela o fez dormir sobre os seus joelhos, e chamou a um homem e rapou-lhe as sete tranças do cabelo de sua cabeça,e começou a afligi-lo, e retirou-se dele a sua força”. Sayara de Brito Felix (s/d, p. 15), afirma que “em torno da manipulação do cabelo existe uma vasta história cheia de significados. Felix ressalta ainda que, no homem, era a expressão de sua força, na mulher, a expressão de fertilidade.”

1.4 – AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA

De acordo com Ciranilia Silva, (2012, p. 5), a cultura é dinâmica e signos e símbolos são usados para alimentar esse dinamismo, e são esses símbolos que constroem a identidade étnica, emerge da tradição e se dinamiza com a cultura. Silva (ib) pontua que neste sentido podemos pensar o uso das tranças como um sinal diacrítico, pois dentro de um senso comum o uso do penteado, identifica a pessoa a um possível pertencimento ou identificação geral com a estética e a cultura. Para LODY (2004, p. 59), “Lugar que revela o homem, seu grupo social, sua história, a cabeça define a identidade e traduz o sentimento de pertencimento a um grupo”.

Ao utilizarem o penteado afro, logo percebemos que essas pessoas fazem parte de determinados grupos étnicos ou culturais. Pois, a trança afro, o black power, assim como os dreads looks são sinais que as distinguem e que as colocam como resistentes a um sistema dominador e colonizador, e as fazem conscientes do seu pertencimento grupal.

Lody (2004, p. 79), destaca “a tão celebrada baiana do acarajé, como um tipo afrodescendente que pode ser rapidamente identificado pelos trajés.” Ele afirma que: “O espaço da cabeça identifica a pessoa. A cabeça e o cabelo tem esse poder de dizer sobre a pessoa: quem é , o que faz, qual o seu lugar no grupo, na sua comunidade, na sociedade”.

A afirmação da identidade envolve o estilo Black Power, que segundo Cíntia Tâmara Pinto da Cruz, (2013, p.12), foi um movimento americano que elegeu o cabelo como símbolo de consciência racial, influenciando a importância da afirmação do cabelo crespo no processo de assunção identitária afrodescendente no Brasil nos anos 70.

Desde o movimento Black Power de acordo com Cíntia Tâmara (2013, p. 12), na década de 60, o uso do cabelo crespo natural tem sido identificado como um símbolo importante para a afirmação da identidade negra. No Brasil, é principalmente a partir do final dos anos 70 que a utilização desse símbolo terá um importante significado.

Ainda de acordo com Cruz (2013) os dreads looks (estilo rastafári) por sua vez, são penteados afro de origem agolana, utilizados por jovens e adultos, que possuem suas ideologias voltadas para a afirmação da identidade e da consciência negra. Danilo Rabelo (2006, p 20), pontua que, para muitos brasileiros o termo rastafári designa um penteado afro de tranças naturais ou apliques artificiais de cabelos ou fibras. A afirmação de que se trata antes de tudo de um fenômeno cultural e religioso causa estranhamento, porém desperta a curiosidade.

Surge, portanto, o momento em que o negro ou mestiço, afrodescendente, sente maior convicção em aceitar seus traços próprios e originais. Consequentemente, aponta Fagundes (2010, p. 2), com tais tendências em vigor, procurou-se uma naturalização dos cortes, trançados e penteados afros, sendo impulsionado então, o movimento americano do "Black-Power" e jamaicano dos "Dread Looks". De acordo com Rabelo:

O movimento Rastafari surgiu em 1933 como um movimento religioso e de contestação econômica, política e social contra o imperialismo britânico e a marginalização da população jamaicana. Os Rastafaris acreditam que o imperador da Etiópia, Haile Selassie 1 é a reencarnação de Jesus Cristo, ou Deus Pai em Pessoa, que veio para cumprir as profecias bíblicas de destruição da iniquidade do mundo e de redenção dos fiéis. As matrizes discursivas e imagéticas desse movimento remontam a diversas tradições: A Bíblia, o Etíopianismo, o Pan-Africanismo, o Garveyismo, bem como algumas influências revivalistas e hindus. (RABELO, 2006, p. 4)

De acordo com Fagundes (2010, p. 2), esses movimentos receberam força especialmente a partir da década de 60 do século XX, quando o continente africano foi marcado pela descolonização dos países dominantes. A partir daí, a luta passou a ser pelos direitos de igualdade racial e social. É justamente nesse momento que entra a participação dos movimentos negros. E esse processo por sua vez reflete diretamente aos negros das Américas e do Caribe. Para Danilo Rabelo (2006, p. 2), o passado colonial baseado no plantation e a utilização do trabalho escravo da mão de obra africana das culturas caribenhas fazem com que haja semelhanças entre a história desses povos e a história brasileira.

Tais movimentos, por sua vez, valorizam a cultura popular, as características negras e as miscigenadas de afrodescendentes, de modo a fortalecer uma crescente "consciência racial", que chegara a princípio nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, para depois ser transmitido ao restante do país. O novo movimento étnico, disseminado aqui nos discursos norte-americanos de moda e orgulho negro, ganhara força para desassociar o ideal de beleza negra do ideal branco. Que até então dominava soberano, pregando cabelos lisos, longos e loiros. (FAGUNDES, 2010, p. 2).

Um dos eventos em que observamos maior valorização dos referidos penteados tem sido realizado em maior parte do país, assim como na cidade de Cachoeira - Bahia, no dia 15 de Agosto de 2015, a denominada "Marcha de Orgulho Crespo do Recôncavo: Nossa Estética é Política", com a participação de alunos da UFRB, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, visitantes e turistas, por conta da festa de matriz africana, que segundo Lívio Sansone:

Um número pequeno de norte-americanos negros, que tem crescido rapidamente, vem visitando o Brasil. Sua presença confere status e uma aura de "negritude moderna" a uma série de festejos e comemorações que, em sua maioria, de outro modo seriam vistos como expressões não étnicas da cultura afro-brasileira tradicional e/ou do catolicismo popular. (SANSONE, 2004, p.125),

Sansone (2004, p.125) , acrescenta que "a Festa da Irmandade da Boa Morte, em Cachoeira - Bahia, é um exemplo disso." De acordo com Rafaela Fagundes, (2010, p.3), "a cabeça une o mundo contemporâneo à ancestralidade."

Essa conjuntura, segundo Rafaela Fagundes (2010, p. 2) culminou para uma redefinição de identidade étnica como um todo, modificando os conceitos dos cabelos para os afrodescendentes. De forma a criar uma identidade nacional, até então incógnita para o próprio povo, de forma geral tão disperso e mesclado. Lívio Sansone (2004, p 10), destaca que, a folha de São Paulo, um jornal de primeira linha, publica com certa regularidade matérias sobre desfiles de "moda étnica".

Para Sansone (2004, p.15) a "etnicidade" tornou-se uma parte essencial da propaganda de produtos de beleza. O xampu para cabelo encarapinhado é hoje simplesmente chamado de xampu étnico. Ou seja, "étnico" passou a substituir termos como exótico, estranho, não branco ou, em linguagem simples, raro e diferente. Lívio Sansone (2004, p.15), ainda pontua que, a identidade, até certo ponto, tem-se dado no campo das mercadorias, criada pelo uso de objetos comercializados sob a forma de mercadorias de produção étnica.

De acordo com Caroline Kraus Luvisotto (2009, p. 32) etnicidade é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores.

1.5 - O ESTIGMA SOCIAL

Para Erving Goffman (1988) estigma é um atributo depreciativo conferido a um indivíduo, partindo de uma determinada característica, tornando-a totalizadora e que é incongruente ao estereótipo criado de como as pessoas devem ser ou agir. Desta forma, o estigma passa a existir a partir das relações entre as pessoas, ou seja, dos choques entre os “normais” e os “anormais”. É estabelecido um estigma a partir de uma determinada característica do indivíduo e ele passa a ser reconhecido apenas por ela como se em todos os momentos agisse utilizando apenas aquela identidade. Em contraposição, as pessoas estigmatizadas vão tentando manipular a sua identidade tentando sempre mostrar a “melhor face”. Este é um processo de racionalização e relativização da identidade e que também constrói a mesma, a partir de como o indivíduo se vê, como o grupo a que pertence o vê e como os demais membros da sociedade o concebem através da sua conduta.

Segundo Nilma Lino Gomes (2002, p. 8): Nos salões o cabelo crespo visto socialmente como o estigma da vergonha, é transformado em símbolo de orgulho. O cabelo crespo como parte integrante do corpo negro é um dos aspectos mais importantes na construção da cultura afrodescendente, e uma das características físicas mais estigmatizadas pela classe dominante que defende um modelo estritamente europeu.

De acordo com Rafaela Fagundes (2010, p. 2) no início do século XVI os negros aportaram na Bahia, tendo seus costumes, cores e cabelos menosprezados, devido à posição social na qual se encontravam. Pois já vinha embutida de genuínos pré-conceitos raciais; Pois eram "negros e escravos."- como diria a aristocracia da época. Danilo Rabelo (2006, p. 3) se referindo aos negros da Jamaica, declara: “A emancipação dos escravos em 1838 não eliminou as barreiras raciais e sociais da sociedade, desse modo, os afrodescendentes continuaram marginalizados.”

Segundo Manoel Cruz (1989, p. 61), a falsa abolição relegou o negro a um estado de abandono e de intranquilidade social. Desde o período da escravidão os negros têm sofrido preconceitos raciais, e a luta contra o preconceito continua nos

dias atuais. Para Juvenal Conceição (2012, p. 2) “As relações de poder no Brasil são marcadas pelo massacre de séculos de escravização e de tráfico, além do racismo que sobrevive até os dias de hoje.” Os negros foram abandonados à própria sorte e colocados em situações precárias. Eles não possuíam moradia, nem previdência social, nem terras para plantar, nem emprego. Rafaela Fagundes (2010, p. 2) ainda pontua que foram travadas muitas lutas e resistência contra o sistema de dominação na busca pela liberdade.

De acordo com Rafaela Fagundes (2010, p. 2); Raul Lody (2004, p. 90): Manoel de Almeida Cruz (1989, p.60), exemplo dessa resistência foi a Revolta dos Males ou, o grande levante dos Males, em Salvador-Bahia. José João Reis registra o episódio da seguinte forma:

Na madrugada de 25 de janeiro de 1835, um domingo, aconteceu em Salvador uma revolta de escravos africanos. O movimento de 1835 é conhecido como Revolta dos Males, por serem assim chamados os negros muçulmanos que o organizaram. A expressão male vem de imalê, que na língua iorubá significa muçulmano. Portanto os males eram especificamente os muçulmanos de língua iorubá, conhecidos como nagôs na Bahia. (REIS, 2003, p.3)

De acordo com Rafaela Fagundes (2010, p. 2) Raul Lody (2004, p.91) “o negro passou a enfrentar a condição não oficial de cidadão de terceira categoria, à qual foi relegado por questões eminentemente econômicas. Desde então, a luta passou a ser pelos direitos de igualdade racial e social”. Para Lody (2004, p.91), “Na época, as elites do Estado Republicano importam mão de obra europeia para atender o ciclo do café, substituindo o trabalho escravo. Um projeto para embranquecer a população e que acabou firmando os grandes preconceitos raciais existentes no país”. Para Manoel de Almeida Cruz:

O negro recém-saído do regime escravagista teve que enfrentar uma nova situação até então desconhecida. Em razão das condições históricas pelas quais estava se verificando o processo de formação do modo de produção capitalista no Brasil, o negro não conseguiu ser absolvido no novo sistema. (CRUZ, 1989, p. 61)

Para Nilma Lino Gomes (2002, p. 2), ao falarmos sobre corpo e cabelo, inevitavelmente, nos aproximamos da discussão sobre identidade negra. Essa identidade é vista, no contexto desta pesquisa, como um processo que não se dá apenas a começar do olhar de dentro, do próprio negro sobre si mesmo e seu corpo, mas também a partir das relações sociais e dos vínculos que se estabelecem com as outras pessoas. A identidade é construída socialmente e não de forma isolada.

Nilma L. Gomes (2002, p.2), ressalta que “essas relações são tensas, conflituosas e complexas. Pontua que entre a mediação realizada pelo corpo e pela expressão estética negra há um ícone identitário: o cabelo crespo”.

De acordo com Aline Ferraz Clemente (2010, p. 9), em pesquisa nas lojas de cosméticos, 70% dos produtos destinados para cabelos crespos e muito crespos, usavam de estratégia de comunicação, denominações como produtos para domar seus cabelos, produtos destinados a cabelos rebeldes. Usando os meios de comunicação hegemônicos para difundir a imagem, ligada ao cabelo afro, como cabelo “pixaim”, cabelo “ruim”, cabelo “duro”, “bombril”, “ninho de passarinho”, “juba”.

De acordo com Lívio Sansone (2004, p.146), na Bahia de hoje, em termos gerais, os jovens de cor constroem sua negritude principalmente administrando a aparência física, através de tentativas visíveis e às vezes dramáticas de reverter o estigma associado ao corpo negro. Enquanto Nilma Lino GOMES (2002, p. 3), ratifica dizendo: Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “ bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar de inferioridade ou a introjeção deste. Para Gomes, pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo.

Juvenal Conceição (2012, p. 345) ressalta que ao pensar nas origens das ideias de África, predominantes no Brasil logo surge na mente o século XIX, momento da construção do Estado Nacional brasileiro que foi também a época do Darwinismo social, do estabelecimento da hegemonia euro-ocidental sobre toda a terra e da formulação do racismo científico. De acordo com Lília Moritz Schwarcz (1993, p.58), “o Darwinismo Social é um tipo de determinismo de cunho racial.”

Essa nova perspectiva via de forma pessimista a miscigenação já que acreditava que “não se transmitiram caracteres adquiridos”, nem mesmo por um processo de evolução social. Ou seja, as raças constituíram fenômenos finais, resultados imutáveis, sendo todo cruzamento, por princípio, entendido como erro. As decorrências lógicas desse tipo de postulado eram duas: enaltecer a existência de “tipos puros”, e portanto, não sujeitos a processo de miscigenação, e compreender a mestiçagem como sinônimo de degeneração não só racial como social. (SCHWARCZ, 1993, p. 58)

De acordo com Juvenal Conceição (2012, p.344) a edição de uma lei federal 10.639/03 tornando obrigatório o ensino de História e cultura africana e afro-brasileira já é um sinal de como esse tema tem profundas implicações nas relações de poder na sociedade brasileira. A disputa em torno da ideia de África é parte da

luta pela hegemonia de classes no Brasil. Por este motivo é que os brasileiros, em geral, já possuem uma ideia profundamente negativa, preconceituosa, bem consolidada sobre o continente de origem da maior parte da população.

Juvenal Conceição (2012, p. 345) acrescenta ainda que, partindo da premissa de que a humanidade era dividida em grupos definidos a partir de uma série de características físicas, os pensadores das várias especialidades defendiam a ideia de que a seleção natural das espécies se aplicava também aos seres humanos.

Segundo Conceição, (2012, p. 347), os negros eram então vistos como sinônimo de maldade e feiura, associado ao demônio e ao pecado. Somando-se a isto a noção de ruindade, maldade, hostilidade e esterilidade do clima ardente da terra de origem, estava firmada a ideia de inferioridade que justificava a escravização. Na linguagem cotidiana, segundo Manoel Cruz (1989, p. 57), ouvem-se expressões tais como: “alma branca”, “alma negra”. Sendo que o termo branco designa o positivo, o excelente. Enquanto que o termo negro designa o negativo, o repugnante. Estes fatos são observados nos países colonizados pelos europeus, especialmente no Brasil e nos Estados Unidos.

Em todos esses momentos, as classes dirigentes sempre procuraram construir uma imagem negativa do negro. A ele está associado tudo que é "feio", "ruim" e "demoníaco". África surge nesta imagem como símbolo do primitivismo, da selvageria, do atraso, do misticismo, da feitiçaria, da irracionalidade, do exotismo, do bestial, da brutalidade, da maldade, do lugar não civilizado e de clima hostil. Afastar-se disto seria a condição para ser assimilado, aceito pela "Civilização" representada pela classe dirigente, que é branca e de mentalidade europeia. (CONCEIÇÃO, 2012, 349)

1.6 – NOSSAS IDEIAS

O uso dos penteados afros significa a aceitação e a valorização da sua origem, e a afirmação da sua identidade. Penteados como: dreads looks (rastafári), black power ou tranças afros, são utilizados a partir dos movimentos negros que surgem nos anos 60 e 70 como forma de luta contra o preconceito racial e resistência de um povo que foi escravizado e é estigmatizado por conta da cor da pele e do tipo de cabelo.

Manter o cabelo natural consiste em não alisá-lo. O salão de beleza natural utiliza essa expressão porque o efeito desejado não é o alisamento, mas sim, um resultado mais próximo do crespo, ou seja, cabelos cacheados com aspectos

naturais que facilitam o tratamento, o manuseio. Porém, no âmbito acadêmico não são considerados naturais por conta das intervenções químicas aplicadas na sua textura capilar.

Vale ressaltar que no período da escravidão as mulheres negras já alisavam os cabelos. Porém, modificar os cabelos não ocorre apenas através das intervenções químicas. Pois existem as técnicas de alongamentos com cabelos naturais ou sintéticos (canaquelom).

Sabe-se que, o desejo do afrodescendente de mudar o cabelo é histórico por conta da colonização praticada pela classe dominante europeia. A europeização não fica apenas na imposição do padrão de beleza do corpo. Mas também na culinária, na indumentária, nas vestes, no idioma, na música, na dança. Prova disso é que falamos português, quando deveríamos falar também o lorubá.

Muitos afrodescendentes utilizam os penteados afros como uma questão de moda, ou a valorização da sua estética que aumentará a sua autoestima e conseqüentemente diminuirá o preconceito da aparência. Outros utilizam os penteados afros e mantém o cabelo crespo como uma questão de luta e resistência. Mas em todas as motivações o fator principal é mesmo a afirmação da identidade ou o pertencimento de um grupo. É identitário.

2. APRESENTANDO A PESQUISA

O segundo capítulo pretende contextualizar a metodologia do presente trabalho mostrando a forma como realizamos a nossa pesquisa em que envolve observação participativa, entrevistas, questionários, relatos, registros fotográficos, leituras, anotações. E apresentando os principais autores lidos.

A nossa pesquisa destaca as motivações que levam as pessoas a aderirem à manipulação dos cabelos através de técnicas de alongamentos, e de tratamentos químicos e cosméticos, e aos penteados afros, como tranças. No contexto dos salões étnicos há o contato com pessoas que possuem os mesmos ideais, que é a transformação do cabelo para obterem uma estética que lhes seja favorável. Isso ocorre tanto na relação entre clientes e profissionais, quanto na relação entre clientes.

Para Gomes (2002, p. 3), “mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar de inferioridade ou a introjeção deste”. Gomes acrescenta que “o negro vê a intervenção no cabelo e no corpo mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético. É identitária.”

Porém, Nilma Gomes (2002,p.3) pontua que “a identidade é construída historicamente em meio a uma série de mediações que diferem de cultura para cultura”. Como afirma LODY (2004, p. 13): “Livre é a arte de tratar os cabelos”.

Ao perguntarmos: O que motiva as pessoas a usarem o mega hair (alongamento) e a trança afro (penteados)? Segundo a cabeleireira Mislene Muniz (ver Entrevista 4) , uma das nossas informantes, “o mega hair é utilizado para o alongamento dos cabelos, e no processo de tratamento para crescimento.” Já a cabeleireira e jornalista Lorena Moraes (ver Entrevista 5) declara: “Acredito que a não aceitação do cabelo natural e a vontade de modificar a estrutura dos fios.” Já a cliente Daiane dos Santos, declara:

Bem, o que me fez adquirir as tranças foi praticidade, economia e acima de tudo beleza. Cabelo crespo é algo natural, pra mim, normal. É a maneira que o outro tem de valorização de si, sobretudo a identidade do negro. É ser o que todos nós deveríamos assumir como somos de verdade. Costumo dizer que o cabelo não vai fazer você mudar a sua essência como ser humano, “cabelo é tão bom que a terra não come”. Então, por que não deixar seu cabelo como ele é de nascença? Natural é libertação do capitalismo. Relatos da estudante do curso de museologia e cliente da cabeleireira Caliane Araújo, Daiane dos Santos, 30 anos.

2.1- TÉCNICAS E PENTEADOS APLICADOS AO CABELO CRESPO

Conforme o indicado na tabela abaixo são duas (02) técnicas de alisamento: - relaxamento e - permanente afro; uma (01) técnicas de tratamento: - hidratação; quatro (04) técnicas de alongamentos: - queratina, - nó italiano, - tela fixa e - fio a fio e quatro (04) penteados afros: - trança afro, - trança afro nagô, - dreadlocks e - Black Power aplicados aos cabelos crespos. Nos salões visitados observamos todas as técnicas de alongamentos e penteados afros, com exceção dos dreadlocks e dos black powers:

TÉCNICAS			PENTEADOS
ALISAMENTO	TRATAMENTO	ALONGAMENTO	
1. Relaxamento	1. Hidratação	1. Queratina	1. Trança Afro
2. Permanente Afro		2. Nó Italiano	2. Trança AfroNagô
		3. Tela Fixa	3. Dreadlocks
		4. Fio a Fio	4. Black Power

1. Relaxamento - É uma técnica de alisamento que, segundo nossas observações nos espaços pesquisados, para realizar o relaxamento, primeiramente o cabelo é dividido em 4 partes e passado o protetor de pele e fios. Depois o profissional aplica o creme relaxante em cada mecha. O processo se repete em todos os fios do cabelo. O produto deve agir por cerca de 20 a 25 minutos.

Durante esse tempo, o profissional distribui o produto com pente para facilitar a ação do creme. É nesse momento que se percebe se existe a necessidade de ficar mais tempo com o creme no cabelo ou não. Após esse processo, o cabelo é enxaguado completamente com água morna, então, retira – se todo o produto dos fios e aplica – se o tratamento para reestruturação dos fios com aminoácidos essenciais, vitaminas, agentes hidratantes e condicionantes. Na sequência, o cabelo é enxaguado e é utilizado o neutralizante, este produto finaliza o trabalho, e interrompe a ação da química, caso haja algum resquício no cabelo.

Durante 5 minutos os fios são massageados e então, retira – se o neutralizante. O tratamento é indicado semanalmente em casa e ao menos uma vez ao mês no salão de cabeleireiro. Para manter os cabelos saudáveis, com os cachos definidos, é aplicado um produto de manutenção diária após a lavagem.

Para Aline Ferraz Clemente;

Os métodos de alisamento que marcaram a população negra mais antiga foram realizados através do uso do Henê, que era uma pasta para alisar os cabelos a base de metais pesados, principalmente o chumbo, o que lhe atribuía um odor característico e também o pente de ferro, que era aquecido e passado no cabelo para realizar o processo de alisamento. Geralmente os dois processos eram utilizados em conjunto. Atualmente os métodos mais comuns de alisamentos são realizados através de produtos químicos, a base de guanidina, sódio, formol e chapinhas, alcançando assim o ideal branco imposto pela sociedade. (CLEMENTE, 2010, p. 11)

2. Permanente Afro - O permanente afro é uma técnica de alisamento, um procedimento que dá mais forma aos cachos, dando praticidade, leveza e versatilidade ao cabelo, e é a opção ideal para quem deseja um visual mais próximo do natural e muito bonito ao mesmo tempo.

A realização desta técnica requer diversos cuidados para não agredir os fios, e para isso a qualidade dos produtos e a experiência e habilidade dos profissionais envolvidos são características fundamentais.

É importante ressaltar que para a realização do permanente afro o cabelo deve estar sem química e de 3 a 4 dias sem lavar, garantindo que os fios não sejam agredidos.

1. Neste processo químico, o profissional começa lavando o cabelo sem esfregar o couro cabeludo, apenas retirando as impurezas dos fios. Após passar um protetor de pele, o cabelo deverá ser dividido em 4 partes, o produto para relaxar é aplicado, mecha por mecha, até preencher o cabelo. A ação do produto leva de 20 a 25 minutos.

2. Na sequência, após o produto ser retirado e o cabelo ser bem lavado, é dividido em seções para iniciar a aplicação do líquido para a ondulação e enrolar cada seção com os bigudins, que são acessórios semelhantes ao bobê e utilizados para enrolar o cabelo e definir os cachos. Em seguida o cabelo fica cerca de 20 minutos em touca plástica ou térmica.

3. Daí, os bigudins são retirados e o neutralizante é aplicado novamente por todo o fio.

4. Na última parte do tratamento, são utilizados produtos de revitalização. Então, massageando os cabelos e aplicando a loção modeladora para tratamento e condicionamento, para controle do volume, aumento da qualidade do fio e modelagem dos cachos.

3. Hidratação - A hidratação é uma técnica de tratamento em que os cabelos crespos por serem mais secos e frágeis que o normal, necessitam de constantes tratamentos que melhoram o seu visual dando mais maleabilidade e menos volume aos fios.

A hidratação é uma das formas indicadas de tratar os cabelos, pois é um processo totalmente benéfico ao cabelo, que repõe vitaminas naturais dos fios, deixando-os mais fortes, saudáveis, macios e com brilho.

A hidratação também pode ser realizada em crianças, visto que é um processo que garante mais força, beleza e brilho aos cabelos. A hidratação em crianças deve ser feita por profissionais, visto que os fios são mais frágeis e necessitam de cuidados especiais.

Ângela Figueiredo (2002, p. 4), se referindo às novas formas de cuidar dos cabelos crespos e étnicos, pontua: “ Mas a manipulação do cabelo não depende apenas dos produtos químicos presentes nos alisamentos, relaxantes e permanentes afros; há, também, os implantes de cabelos humanos e sintéticos.”

2.2. - TÉCNICAS DE ALONGAMENTOS

São técnicas que, de acordo com a cabeleireira Mislene Muniz, “servem para aumentar o tamanho do cabelo, e para dar início ao processo, primeiro divide-se os cabelos em três partes.” Começando pela nuca e aos lados das orelhas, dois centímetros de cada lado. Fazendo um formato de V. Em seguida, divide os cabelos em mechas pequenas onde o cabelo do alongamento já está confeccionado com cola de queratina para facilitar a colocação.

Em seguida, após colocar o alongamento entre os cabelos originais, utiliza-se o fio de silicone denominado elastek preto ou marrom para prender e fixar bem. A cor do elastek depende da tonalidade do cabelo da cliente, mas, o mais usado é o preto.

A cabeleireira Mislene Muniz, de Cachoeira – Bahia, popularmente conhecida como Mica acrescenta que, “o cabelo que será utilizado para a realização do megahair varia de tamanho em relação ao cabelo da cliente. Por exemplo: Um cabelo de 20 centímetros pode ser usado para a realização de vários alongamentos de 40, 50, 60 cm ou mais. Nesse caso, o mega é feito de forma parcial, e é denominado “meia cabeça”. No caso do mega total, ou seja, “a cabeça inteira”, as

divisões ocorrem da mesma forma. Só a frente é que se divide em duas partes, com 3 cm de altura para fazer franjas e o design do cabelo.

Segundo a cabeleireira e empresária do ramo, Marilene Teles são comercializados cabelos de 60 centímetros, lisos; de 45 cm, cacheados artificialmente. E até de 1 metro de comprimento. São cabelos verdadeiros e humanos e alguns já foram pintados. Segundo Mari, como ela é conhecida, esses cabelos vêm da Índia, do Japão, e às vezes da Rússia. Não são brasileiros. Marilene Teles comercializa cabelos e é proprietária do Salão Mega Fashion na cidade de Muritiba – Bahia.

Segundo a cabeleireira Mislene Muniz, 31 anos, existem várias formas de se confeccionar o alongamento.

1º Tela Fixa (Interlace) - Prepara-se uma base com suportes nas extremidades, na qual, são costuradas as mechas dos cabelos com agulha e linha, ou seja, linha para tecidos. Ressaltando que a tela é confeccionada tanto através da máquina de costura quanto de forma artesanal. De acordo com a cabeleireira Mislene a vantagem desse método é que o alongamento fica imperceptível e pode ser feito em cabelos curtos. Além disso, dá para fazer chapinha e escova sem problemas. O tempo de aplicação é de 1 hora e meia.

2º Cola Quente (Queratina) - Utiliza-se uma máquina semelhante à prancha para esquentar a cola preta, ou a cola de queratina, prendendo as pontas das mechas. Utiliza-se um movimento manual para modelar e preparar as mechas para realizar o aplique.

Essa técnica pode ser realizada utilizando o nó italiano em que essa base colada é presa na raiz do cabelo, enrolando ou dando algumas voltas em torno da ponta da mecha com o elastek, e no final, dá-se um nó italiano para prendê-lo com segurança.

3. Com linha ou nó Italiano - Essa técnica combina um método próprio com a técnica da queratina para fixar os fios. As machas postiças são amarradas com elastek nas mechas originais, próximo da raiz. A técnica dá mais volume na região em que as mechas foram amarradas. O tempo de aplicação é de 5 horas em média. A manutenção é após 3 meses. É indicado para cabelo afro. Os pontos negativos dessa técnica é que pode “mastigar” os cabelos, deixando-os frisados, e mofar o cabelo sob a linha. A sua retirada ocorre cortando a linha elastek.

4. O Fio a Fio - É feito utilizando a máquina para prender os fios do cabelo com a cola quente. Obs.: Os apliques podem ser confeccionados utilizando-se o próprio cabelo da cliente para prender as mechas, para substituir a cola quente. Esse é um processo natural.

Uma das máquinas utilizadas para aquecer a cola denomina-se: cumbuca. Outro aparelho utilizado para o aquecimento da cola e ao mesmo tempo prender as mechas, é semelhante à prancha usada para alisar os cabelos. Denomina-se Fio a Fio.

De acordo com a cabeleireira Mislene Muniz, o período necessário para dar a manutenção dos alongamentos é de 2 meses no máximo. Segundo Muniz, existem pessoas que só realizam a manutenção do megahair aos 3 meses de uso, fazendo com que o cabelo se danifique.

“Elas frequentam o salão a cada 2 meses”. São as declarações da cabeleireira Mislene Muniz, 31 anos. Entrevista cedida dia 24 de fevereiro de 2016 às 13: 45 hs.

2.3 - PENTEADOS

1. Trança Afro - É um penteado de origem africana, mas precisamente de Angola, é uma técnica utilizada na maioria das vezes por trançadeiras negras. Elas utilizam o cabelo dos clientes para realizar inúmeros modelos de tranças diferentes. Mas utilizam também o cabelo sintético que adaptado ao cabelo dos referidos clientes, tem mais facilidade de segurar e prender aos fios, produzindo belos penteados afros e alongamentos semelhantes aos chamados dread looks.

2. Trança Afro Nagô (Penteado Afro) - Observamos que a cabeleireira Caliane Araújo começa separando o cabelo que será trançado. Ela prende o cabelo que será trançado e, em seguida, a trança nagô começa a ser feita na parte superior da cabeça, sobre a testa. Lembrando que a separação dos fios vai definir a espessura da trança e pode ser feita com um pente ou até mesmo com uma agulha grossa, do tipo crochê.

A cabeleireira começa a trançar de uma maneira bem apertada, e vai adicionando as pequenas mechas na medida em que for avançando na direção do objetivo desejado. A meia trança segue até a metade da cabeça. Com os fios restantes, termina-se a trança se for completa. Vai reiniciando o processo com uma nova mecha de cabelo até terminar todo o penteado.

Entre as técnicas ou penteados documentados destacamos trança afro que segundo Ciranilia Silva:

Essa prática de trançar os cabelos na Bahia tem como palco de localização o bairro do Pelourinho, centro Histórico de Salvador, lá encontramos trançadeiras representativas do cenário estético afro-brasileiro em Salvador entre elas Rasidat Lola Akanni popularmente conhecida como Lola, e Valdemira Telma de Jesus Sacramento, que atende pelo nome artístico Negra Jhô. (SILVA, 2012, p. 6)

Na cidade de Cachoeira podemos constatar essas práticas inseridas nas atividades capilares das trançadoras e cabeleireiras que realizam os apliques, técnicas utilizadas para alongar os cabelos.

3. Dreadlocks - Os Dreads são penteados utilizados pelos rastafáris. Segundo Danilo Rabelo (2006, p. 4), o movimento rastafári surgiu em 1933 como um movimento religioso e de contestação econômica, política e social contra o imperialismo britânico e a marginalização da população afro jamaicana. Os rastafáris acreditam que o imperador da Etiópia Haile Selassie I é a redenção de Jesus Cristo ou Deus Pai em pessoa que veio cumprir as profecias bíblicas de destruição da iniquidade do mundo e de redenção dos fiéis.

De acordo com Danilo Rabelo (2006, p. 20), para muitos brasileiros o termo rastafári designa um penteado afro de tranças naturais ou apliques artificiais de cabelos de fibra. Rabelo considera o rastafarianismo um movimento cultural e enfatiza seu caráter religioso.

O penteado denominado Dread pode ser feito de forma natural, deixando o cabelo crescer livremente, sem intervenções químicas e sem cortes que possam interromper o seu crescimento e a sua forma original. O seu formato pode ser definido através do manuseio das mechas.

No início, quando o cabelo ainda está curto, as mechas ficam suspensas e volumosas, dando a ideia de Black Power, mas, a partir de dois ou três meses adquire-se alguns centímetros que possibilitam a flexibilidade da textura capilar, produzindo o formato desejado. Ressaltando que surgem nos dias atuais os dreads de tranças soltas e coloridas proporcionando novas perspectivas para a afirmação da identidade étnica.

4. Black Power - Nos anos 60 nos Estados Unidos surge o movimento Black Power. Parece algo sem muita importância e que sofre certo preconceito por parte de pessoas que não conhecem a história do negro no passado. Nessa época os negros não podiam votar, nem entrar em determinados espaços públicos. O cabelo

black era uma forma de mostrar o orgulho de ser negro numa época em que esse ato de usar o cabelo seria uma afronta.

Ganha mais força nos anos 70 com o movimento Hippie. Era usado por jovens que se rebelaram contra o preconceito racial, porque era um símbolo importante da história do negro, e contra as desigualdades que a comunidade negra sofria. Eles queriam direitos iguais, isso incluía o uso dos cabelos como quisessem usá-los, opondo-se a esconder suas raízes.

Black Power - um tipo de penteado que possui cachos e volume. É um sinal de empoderamento étnico e uma forma de se posicionar contra a ditadura do cabelo liso. Além do mais, é uma maneira de desconstruir a ideia de que o cabelo crespo é “duro” ou “ruim”.

O penteado Black se apresenta bem naqueles cabelos crespos com os cachos ou mechas bem fechados para dar volumes perfeitos. A ideia do Black Power é um cabelo volumoso e armado. Deve ser arredondado e ter de 9 a 12 centímetros de comprimento. O corte feito em camadas será útil para dar mais volume ao cabelo. O pente garfo pode ser usado para suspender o cabelo a partir da raiz para definir bem o Black Power.

2.4 - SALÕES PESQUISADOS

Para realizarmos a nossa pesquisa sobre cabelo crespo foram escolhidos cinco (05) salões da cidade de Cachoeira, dois (02) deles, pertencentes à Jacyara dos Santos e à Caliane Araújo, inserem-se no contexto dos salões étnicos, pois, atuam com penteados afros, a exemplo das tranças e os alongamentos. Ressaltamos que foi feita a analogia com outras técnicas, como alisamentos, relaxamentos, hidratações, realizados nos outros salões: o Salão Cabine de Estética pertencente à cabeleireira Balbina Aragão e no salão Central do MegaHair da Cabeleireira Mislene Muniz. A cabeleireira Lorena Morais é a nossa 5ª informante e não possui espaço físico.

O problema específico dessa pesquisa é saber o que as pessoas inseridas nesse tema pensam sobre o *cabelo crespo das mulheres negras*. Se elas usam determinadas técnicas por conta da moda e beleza, ou autoestima, ou se elas têm consciência da afirmação da sua identidade étnica negra. Enfim, o que as motiva a aderirem a essas formas de cuidar dos cabelos?

A pesquisa foi realizada num período de dois meses, ressaltando que estava previsto no projeto para iniciar em julho de 2015. Mas foi realizada com um mês de antecedência, iniciando em junho, com cinco ambientes distintos:

Espaço 1 - O salão situado no bairro do Rosarinho, s/n, Cachoeira – Ba, que tem o auxílio profissional da trançadeira Jumara dos Santos, conhecida como Babiú. Pontuamos que a cabeleireira Babiú não consta na tabela pelo fato de não realizarmos a observação participante, porém contribuiu com outros elementos necessários para o nosso trabalho, como imagens, que após o cabelo de sua cliente ser trançado, ela registra e envia-nos pela internet.

Espaço 2 - O salão localizado na própria residência no bairro Cucuí de Brito, s/n, na cidade de Cachoeira - Bahia. Elas possuem técnicas muito semelhantes, mesmo porque aprenderam juntas desde crianças. Trabalham tanto com tranças quanto com técnicas de alongamentos.

Espaço 3 - O salão localizado à Rua Rui Barbosa, Centro. Segundo a cabeleireira, mesmo não sendo considerado étnico, o seu salão trabalha com beleza natural. Uma das linhas de produtos utilizados é a Embeleze. Ela pontua que trabalha de forma distinta, ou seja, não faz tranças nem mega. Mas oferece tratamentos com produtos químicos e produtos naturais, para cabelo e pele.

Espaço 4 - O salão instalado na própria residência, à Rua da Saudade, nº 29, centro, Cachoeira – Bahia.

Espaço 5 - O Encrespando. Atua com atendimento domiciliar e não tem espaço físico.

2.5 – TABELA DOS SALÕES PESQUISADOS

A tabela abaixo sintetiza os dados principais dos salões observados.

NOME DO SALÃO	TIPO	PROPRIETÁRIAS
1. Salão Cira Instituto Hair	Étnico	Jacyara dos Santos
2. Salão Trança Afro	Étnico	Caliane Araújo
3. Salão Cabine de Estética	Não étnico	Balbina Aragão
4. Salão Central do MegaHair	Não étnico	Mislene Muniz
5. Salão Encrespando	Étnico	Lorena Moraes

Observações: Participou da nossa pesquisa a cabeleireira e jornalista Lorena Moraes, que administra um blog sobre cabelo afro e turbantes. Por conta disso não foi possível realizar a observação participante num espaço físico, mas, contribuiu com o questionário, imagens e informações sobre a manipulação do cabelo crespo e sobre o seu blog Encrespando.

Além de uma das cabeleireiras de confiança do salão Cabine de Estética, que fornecera-nos informações sobre os tratamentos e os produtos utilizados pelo salão. E a cabeleireira e empresária do ramo, a Marilene Teles que contribuíra com imagens dos cabelos que comercializa para apliques, e informações sobre o assunto.

3. METODOLOGIA DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Nossa pesquisa foi realizada através da observação participante, registros fotográficos, entrevistas, relatos, leituras e anotações sobre o tema e seus aportes teóricos.

Elaboramos e aplicamos dois questionários (Apêndices 1 e 2), um para as proprietárias dos cinco espaços pesquisados, e outro para suas respectivas clientes. Entre outras entrevistas e relatos que surgiram do decorrer da pesquisa. Apresentamo-nos às cabeleireiras como discentes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como pesquisador negro, hétero e profissional da beleza do cabelo, e falamos a respeito da nossa pesquisa sobre o tema: *Cabelo Crespo das Mulheres Negras*.

Relatamos os motivos pelos quais seus nomes foram escolhidos: por serem bastante divulgadas pelas pessoas por onde passamos e pelo fato de estarem inseridas no contexto da beleza negra e da identidade étnica. Daí, solicitamos a sua colaboração para a pesquisa. Isso foi feito com todas as cabeleireiras e informantes com as quais conversamos sobre o nosso trabalho.

Tivemos o início em junho de 2015, e o seu término em agosto de 2015. Foram dias alternados para cada visita, sendo que, cada semana tinha um dia específico para cada salão, entre as terças e as sextas – feiras, mais precisamente pela tarde, determinado por cada profissional, segundo as suas condições e disponibilidades.

Mesmo porque, a trançadora Caliane Araújo e a cabeleireira Lorena Moraes estavam gestantes, e a cabeleireira, Jacyara Santos, estava com um filho recém – nascido. Além do mais, os seus salões instalam-se em suas próprias residências. Motivos que levaram - nos a adiar a pesquisa para semana posterior. Porém, mesmo passando por algumas dificuldades elas não negaram - nos a sua colaboração.

Para realizar qualquer técnica capilar, seja tratamento cosmético, cortes, pinturas, escova, prancha, apliques, ou trança afro, é necessário que se divida o cabelo em várias partes. As mechas são divididas de acordo com a técnica que será aplicada. É no momento da divisão do cabelo, que determinadas clientes, não aceitam ser fotografadas. Isso ocorre pelo fato de o cabelo estar ainda desarrumado. Cíntia TÂMARA (2013, p.38), relata: Em família, era comum escutar “haja cabelo”,

“que juba”, expressões que me faziam acreditar que lugar de cabelo crespo solto, “assanhado”, é na intimidade, nunca em público.

Solicitamos a permissão para fazer o registro fotográfico do momento em que os cabelos eram trabalhados, digamos, divididos e posteriormente trançados ou tratados. Porém, em algumas ocasiões, os pedidos foram negados. Algumas clientes se sentiam mais confiantes em relação à sua cabeleireira, ou seja, à pessoa que estava tocando na sua cabeça. Segundo Lody (2004, p.100), na África, arrumar o cabelo é uma tarefa que só se confia a amigos ou parentes. Por ser um momento de intimidade, é preciso ter cuidado, pois cabelo nas mãos de um inimigo pode se tornar componente de um perigoso feitiço ou ‘poção’.

Algumas de nossas informantes sugeriram-nos registrar a sua imagem, após os cabelos prontos. Como exemplo: a estudante do curso de museologia, Daiane dos Santos, que além dos seus relatos, fornecera – nos imagens para mostrar a trança nagô realizada pela trançadora Caliane Araújo.

Segundo as profissionais pesquisadas, as clientes se sentem constrangidas por conta dos seus cabelos estarem ainda desarrumados. Isso dificultava registrar o *antes* e o *depois* da manipulação das suas madeixas. No decorrer da pesquisa, segundo as respostas das nossas informantes, pudemos compreender o que elas entendem por cabelo crespo ou étnico. E quais as suas motivações a aderirem aos penteados afros.

3.1 – HISTÓRIA DOS CABELOS LISOS ATRAVÉS DAS DÉCADAS

Os dados relativos à revisão que cobre os anos 30 aos anos 2000, vêm da paulista Patrícia Santos, que atua como jornalista no setor da beleza profissional da Revista Cabelos & Cia. Santos já publicou inúmeras matérias sobre a beleza profissional e sobre os vencedores dos inúmeros prêmios da conceituada revista. A exemplo da 6ª edição do Prêmio Cabelos & Cia, reconhecido como o “Oscar da Beleza Profissional”, que aconteceu em 2016 na Sala São Paulo (SP), um dos endereços mais importantes da capital paulista.

Em 1930 surge o interesse pelo liso. Mas ainda não havia métodos químicos de alisamento. Portanto, o jeito era utilizar a forma mecânica, parente distante da chapinha, denominado “cabelisador”. Era uma haste de metal levada à brasa ou ao fogão, em que as mulheres diziam e ainda dizem: “vou fazer o cabelo”. Depois de

quente, o material era levado ao cabelo, esticando e até mesmo danificando a sua textura.

Em 1940, surge o pente quente semelhante ao cabelizador, usado até os anos 1980. Era um instrumento aquecido no fogo e passado diretamente no fio do cabelo. A diferença era o formato de um pente. Um pouco mais eficiente que o anterior.

Em 1950, efetivamente, as substâncias químicas viram protagonistas. A primeira delas é a soda cáustica, ou seja, o Hidróxido de Sódio. Era bastante utilizado para alisar cabelos afros. Eram tão agressivos que não podiam tocar na pele. Pois, causavam ferimentos. Esses eram feitos pela empresa Relaxer que correndo na contramão lança o Lye Relaxer, alisamento com Hidróxido de Potássio. Entretanto, o produto era muito agressivo e danificava demais as madexas.

No início da década de 1980 surge o Tioglicolato de Amônio usado com bigudis. Era o permanente com o objetivo de encaracolar os lisos, já que a onda era ter volumes. Todavia, no final da década de 80 começaram a aparecer algumas técnicas de alisamento. Segundo o engenheiro químico, Humberto Michel, diretor industrial da Bio Genetyc, "A touca de gesso era uma mistura de farinha de trigo com Tioglicolato de Amônio e também os henês." Nesse período nasce o nome "relaxamento", que vem do Relaxer.

Nos últimos anos do século 20, a febre era a cabeleira lisa e cacheada. Além da popularização da prancha, nasceu a onda criada pelo cabeleireiro Satoru Nagata, que aprimorou uma técnica turca e batizou de alisamento Japonês (que também é chamado de escova progressiva). À base de tioglicolato de amônio, o processo danificava bastante os fios e tinha um resultado artificial.

Já a partir dos anos 2000, roubando a cena da técnica definitiva, a escova progressiva a base de formol despontou no subúrbio do Rio de Janeiro e se espalhou por todo o país. A iniciativa dos cabeleireiros proporcionava cabelos lisos e brilhantes por três meses. Entretanto, como o ativo causava diversos danos à saúde, inclusive com casos de morte, a Anvisa inicia a guerra contra a substância e proíbe seu uso para alisamento, permitindo apenas 0,2% na fórmula dos produtos – quantidade suficiente para conservá-los. Fonte: Revista Cabelos & Cia, 2015. Relatos do engenheiro químico Humberto Michel, diretor industrial da Bio Genetyc, e Roberto Beraldo, educador da Ondina Beauty Academy e hairstylist no Monalisa Hair

and Make Up. Localizado em Campinas (SP). Disponível em <http://www.revistacabelos.uol.com.br>. Acesso em: 06/11/2016 às 22:55 hr.

3.2 - PRODUTOS QUÍMICOS

Cabeleireiro desde 1981, Nelson Junior da capital paulista, é especialista em cabelos afros, formado pela Dudley Cosmetology University nos Estados Unidos, proprietário do Salão York Cabeleireiro em São Paulo (Centro), consultor de diversas revistas de beleza, tendo trabalhado em diversas empresas como técnico, e já participou da feira de eventos ministrando cursos no Brasil e no exterior.

Nelson Junior aponta que há muito tempo as mulheres brasileiras sonharam com a possibilidade de possuírem os cabelos crespos, longos e soltos ao vento, mas não dispunham de produtos nem de profissionais capazes de proporcionar-lhes esse desejo, como as negras americanas. Ele diz que, com a entrada de produtos importados, no final da década de 80 e início dos anos 90, produtos de permanente, relaxamento e alisamento, vindo dos Estados Unidos, que antes era um sonho, passou a se tornar realidade. Diversos salões de beleza e profissionais cabeleireiros passaram a se especializar em cabelo afro étnico.

Junior ressalta que os americanos, quando o assunto é cabelo crespo, sempre ditaram a moda para o mundo. Com os brasileiros não foi diferente. Com esse salto de qualidade, diversas empresas brasileiras de produtos de beleza passam a olhar os negros de outra forma. Começaram a fabricar produtos para cabelos crespos, perfumes, cremes para a pele e até desodorantes para essa população que, segundo os institutos de pesquisa, já são mais de 50 % do mercado consumidor.

As características dos cabelos afros étnicos são raiz oleosa e pontas secas, e por isso são muito frágeis e necessitam de muito cuidado para não danificá-los. Quando se fala em transformações químicas (permanente afro, relaxamento e alisamento) para lidar com essas técnicas, tem que ser especialista, pois o resultado pode causar danos muito grave para a saúde e para os cabelos. (**Fonte:** Revista - Mosaico - Beleza, Estética e Saúde. Salvador-Bahia, 2014, p 82.)

3.3 – A COLETA DOS DADOS

Analizamos os dados a partir dos relatos feitos pelas nossas informantes. Todas as cabeleireiras que tiveram os seus trabalhos pesquisados, aceitaram a nos ajudar de acordo com suas condições e disponibilidades. Em todos os salões a nossa observação participante fora limitada por conta de serem residências das referidas profissionais. Porém, nos primeiros dias de diálogo para colhermos informações, aproveitamos para observar os trabalhos de forma discreta. As anotações eram indispensáveis.

Com relação ao registro do momento, em que as clientes passavam pelo processo de divisão dos cabelos, para ser realizada a técnica ou o penteado, nossas informantes relataram que as clientes tinham vergonha de se expor. De acordo com Nilma L. GOMES (2002, P. 8): “Nos salões de cabelo crespo, visto socialmente como estigma da vergonha é transformado em símbolo de orgulho.”

Elas tinham vergonha sim, mas após a sua transformação ser concluída, eram agregados valores como: autoestima e orgulho.

Em meio à pesquisa contamos com a participação da empresária e cabeleireira Marilene Teles, que forneceu-nos fotos e informações sobre a confecção e a utilização dos cabelos indianos, americanos e brasileiros. Ângela FIGUEIREDO (2002), referindo-se à origem dos cabelos utilizados para os alongamentos e a reflexão do mundo do cabelo na globalização, afirma:

Os cabelos necessários para fazer o implante provêm das mais distintas áreas: o cabelo humano, sem química, vem da Índia; o cabelo humano, com química, dos EUA; e o cabelo sintético, de Taiwan e da China. O mundo do cabelo também reflete as dinâmicas da globalização. [FIGUEIREDO, 2002, p.4]

Na nossa pesquisa ao ser questionado às trançadoras e cabeleireiras: O que motiva as pessoas a utilizarem o megahair e a trança afro? Entre as cinco (05) pesquisadas, 04 responderam: porque o cabelo cresce, enche, alonga, levanta a autoestima, a estética, e sentem-se realizadas e poderosas. Uma (1) respondeu: “Acredito que a não aceitação do cabelo natural e a vontade de modificar a estrutura dos fios.”

Perguntado sobre: Que motivo te levou a essa forma de tratar o cabelo? As respostas foram diversas como: “Por eu não gostar da forma como ele se encontra. Melhor facilidade; Facilidade; praticidade; Ficar o mais próximo do meu normal;

Estilo. Essa foi a forma que achei de facilitar ao pentear e arrumar meus cabelos no meu dia-a-dia; Obter um cabelo mais domável; Motivo de festas; Por festa.”

Percebe-se então que a maioria das pessoas pesquisadas não possui o olhar da afirmação da identidade. Mas LODY (2004, p. 59), pondera ao afirmar: “Pentear e mostrar os cabelos é comunicar, receber reconhecimento da cultura, manifestar beleza e padrão estético”

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade do nosso trabalho foi a Documentação Museológica que propõe a salvaguarda e a preservação da memória. Registrando as imagens, e as informações obtidas, relatos sobre os tratamentos, penteados afros e as técnicas dos alongamentos aplicados ao cabelo, e as motivações que as levaram a aderir a esses cuidados capilares.

O presente trabalho teve como objetivos, definir o que é cabelo crespo ou afro na visão das cabeleireiras e de suas respectivas clientes, e saber o que as levam a manter o cabelo como reflete na sua identidade, foram fatores necessários para melhor compreendermos por que algumas delas preferem aderir às intervenções químicas e outras, à trança afro, ao black power, ou, aos dreads.

Estabelecemos a metodologia que favoreceu significativamente a realização da nossa pesquisa, aplicando questionário como forma principal de obter as informações a serem debatidas.

Nossa pesquisa etnográfica deu-nos a oportunidade de conhecer os trabalhos das nossas informantes, no que diz respeito à forma como os realizam e como relacionam - se com suas clientes. Observamos o comportamento das clientes quanto ao processo de preparação do cabelo. Momento em que estão armados ou divididos para os devidos cuidados. Quando seus cabelos ainda estavam sem receber os tratamentos e sem terem sido realizados os respectivos penteados ou alongamentos.

Os esforços foram satisfatórios devido ao fato de termos sido aceitos nos espaços, e por elas terem se disponibilizado. O tempo que as nossas informantes ofereceram-nos foi de extrema importância para nós e para elas, já que, entre as cinco entrevistadas, duas estavam gestantes e uma estava com um filho recém-nascido. Ainda assim, elas foram atenciosas para conosco e forneceram-nos os elementos necessários para o desenvolvimento do nosso trabalho.

Algumas dificuldades surgiram no decorrer da pesquisa com relação aos desencontros por conta do trabalho que algumas delas exercem fora do salão. Ou seja, também atendem em domicílio das suas clientes. Daí, marcávamos outro dia, mas, as entrevistas aconteciam.

Obtivemos dificuldades também no que se refere às imagens através das quais, poderíamos mostrar o *antes* e o *depois*, digamos, a forma como se divide os

cabelos, tanto para aplicar o tratamento, como para realizar os penteados afros ou os alongamentos. Por conta disso, era-nos solicitado que voltássemos depois que o cabelo estivesse arrumado.

As clientes que aceitaram os registros fotográficos, só o fizeram após os seus cabelos estarem prontos, e segundo elas, bonitos. Pois, achavam-se “feias” com os cabelos em processo de manuseio para a manutenção. Porém, elas não têm culpa de pensar dessa forma. Porque esse pensamento foi construído socialmente e historicamente durante décadas, e até nos dias atuais existe o preconceito da aparência, dos fenótipos.

Portanto, através das entrevistas aplicadas às cabeleireiras da cidade de Cachoeira - Bahia, onde os salões pesquisados localizam-se, dos questionários aplicados às clientes desses salões, percebe-se que algumas pessoas inseridas na nossa pesquisa, não utilizam a expressão: afirmação da identidade.

As clientes afirmam que aderiram aos alongamentos ou às tranças por conta da estética, da valorização e da autoestima. As cabeleireiras por sua vez, informam-nos que começaram a trabalhar com tranças e alongamentos desde crianças. Recendo influência das mães ou parentes mais experientes. Além da demanda que solicita esses cuidados com o cabelo afro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÉRICO, Márcia Cristina. *Discutindo Educação, Identidade, Auto Estima e Responsabilidade Social com Mulheres Negras*, 2008.

CLEMENTE, Aline Ferraz. *TRANÇA AFRO – A CULTURA DO CABELO SUBALTERNO*. São Paulo , 2010.

CONCEIÇÃO, Juvenal de Carvalho. **A IDEIA DE ÁFRICA: OBSTÁCULO**

PARA O ENSINO DE HISTÓRIA AFRICANA NO BRASIL. *Projeto História, São Paulo, 2012*.

CRUZ, Cíntia Tâmara Pinto da. *Os Cabelos Mágicos: Identidade e Consumo de Mulheres Afrodescendentes no Instituto Beleza Natural*,Cachoeira, 2013.

CRUZ, Manoel de Almeida (1950). *Alternativas para combater o racismo segundo a pedagogia interétnica*. Salvador, Núcleo Cultural Afro Brasileiro, 1989. 134 p. Bibliografia.

FAGUNDES, Raphaela M. *Penteado Afro: Cultura, Identidade e Profissão*.

FERREZ, Helena Dodd. *Documentação museológica: teoria para uma boa prática*.

In: FÓRUM NORDESTINO DE MUSEU, 4., Recife. **Trabalhos apresentados**.

Recife: IBPC/Fundação Joaquim Nabuco, 1991.

FIGUEIREDO, Ângela. *Global African Hair: Representação e Recepção do Cabelo Crespo numa exposição Fotográfica*, 2004.

GOMES, Nilma Lino. *Corpo e Cabelo como Símbolos da Identidade Negra*. São Paulo, USP, 2002.

LODY, Raul Giovanni da Motta. *Cabelos de axé: identidade e resistência*. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2004. P. 136. Inclui Bibliografia.

PEREIRA, Rafaela. *Corpo, Cabelo e Identidade*. Literafro – www.letras.ufmg.br/literafro. Acessado: 25/02/2016, às 20: 45 min.

PADILHA, Renata Cardozo. *Documentação Museológica e Gestão de Acervo*. Florianópolis: FCC, 2014.71 p.; il. 19 cm (Coleção Estudos Museológicos, v.2)

RABELO, Danilo. *Rastafari: Identidade e Hibridismo Cultural na Jamaica, 1930-1981*. Acessado: 19/03/2016, às 21: 30 min.

REIS, João José. *A REVOLTA DOS MALES EM 1835*.

Universidade Federal da Bahia.

REVISTA TPM, abril 2014, Ano 13, nº 141.

ROCHA, Selma da Silva. Valorização do Cabelo Afro, 2014.

SANSONE, Lívio. Negritude sem Etnicidade: O Local e o Global nas Relações Raciais e na Produção Cultural Negra no Brasil. Edufba, Salvador/ Rio de Janeiro, 2004.

SANTOS, Sara Pereira dos. **Territorialização Afrodescendente em Cachoeira: Resistências e Negociações. I Encontro de História do CAHL**. Centro de Artes, Humanidades e Letras, Quarteirão Leite Alves, Cachoeira-BA. 18 a 21 de outubro de 2010.

SILVA, Ciranilia Cardoso da. Mulheres Trançadeiras; Gênero, Identidade e Cultura Afro – Brasileira, 2012.

SCHWARCZ, Lília Moritz. O Espetáculo das Raças, cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

YASSUDA, Sílvia Nathaly. **Documentação museológica**: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista. 2009. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

Apêndice 1 - Coleta de Dados

Questões aplicadas às cabelereiras

1. Nome da proprietária?
2. Nome do salão?
3. Nome das pessoas que trabalham no salão?
4. Quais atividades exercem?
5. Quais tratamentos ou linhas de produtos utilizam no salão?
6. Trabalham apenas com cabelos crespos ou com lisos também?
7. Aprendeu com alguém ou sozinha? Como surgiu a ideia?
8. Exerce a profissão há quanto tempo?
9. Lembra quantas pessoas já aprenderam com você?
10. Na sua concepção o que significa cabelo natural?
11. Qual o tipo de salão mais procurado?
12. O que motiva as pessoas a usarem o mega hair e a trança afro?
13. Que mensagem elas pretendem passar mantendo os cabelos em beleza natural?

Entrevista 1.

1. Jacyara Santos
2. Cira Instituto Hair
3. Jaciara Santos e Jumara Santos
4. Megarrista
5. Linha Profissional da Amenal
6. Com os dois. Tanto com liso, quanto com crespos.
7. Aprendi Sozinha. Tinha 13 anos quando alguns amigos me pediam pra fazer alguns penteados no cabelo deles, aí fui gostando e nisso fiquei fazendo sempre.
8. Há 14 anos
9. Até agora, que sei, foram três pessoas.
10. Bonito é ser você. O conceito que significa beleza, que expressa a qualidade do que é belo ou agradável.
11. Beleza Natural.
12. A trança porque o cabelo cresce o mega porque levanta a auto estima das mulheres.
13. Bonito é ser você!

Entrevista 2

1. Caliane Araújo, 28 anos, reside no Bairro Cucuí de Brito, s/n.
2. Salão Trança Afro
3. Antes trabalhava com Cira e Babiu
4. Trança e Mega Hair. Trabalho em minha casa e em domicílio.
5. Utilizo instrumentos como: tesoura, prendedor [bico de pato], elasteki, cola quente, pente [fino ou grosso].
6. Com lisos também. Cabelos humanos e fibras. Utilizando o elasteki.
7. Aprendeu sozinha, olhando.
8. Desde os 9 anos.
9. Algumas. Não sei o número exato.
10. Cabelo sem química.
11. Está balanceado. São vários gostos.
12. Pelo mega é mais para encher e alongar o cabelo. E pela trança é uma questão de estética e autoestima.
13. Umas usam mais por moda e beleza, a maioria é pra mostrar a raça.

Entrevista 3

1. Balbina Lima Barbosa Aragão.
2. Cabine de Estética.
3. Lidiane e Lourdes.
4. Tratamentos: digo hidratações, relaxamentos, defrisagem, boto X , cauterizações, progressivas sem formol, limpeza de pele, manicure/pedicure, sobrancelha com henna, depilação, massagens e drenagens, tratamento beleza natural, argilaterapia, etc.
5. Salvatore, Botânica, Akros, Nectar, Hobbety, Lusty, Anethum, Triox.
6. Ambos.
7. Tomei cursos na escola de cabeleireiro Korpo e Rosto, Valmari, Salvatori e outros. Sempre gostei do que faço e amo meus clientes. E sem eles, nós profissionais da área, não somos nada. E a ideia surgiu para ajudar no orçamento familiar.
8. Desde 1997, há 18 anos.
9. Cristiane, Soraia, Gleide, Marilúcia e outras.
10. É o cabelo que nunca foi processado quimicamente e tratado com produtos que não agredem os fios.
- 11.
12. É que as pessoas levantam a sua auto estima e se sentem realizadas e poderosas.
13. É que as pessoas prezam as suas origens mantendo – se ao natural e sempre dando manutenção e tratamento aos seus cabelos.

Entrevista 4

1. Mislene Muniz
2. Central do Mega Hair, Rua da Saudade, nº 29, Centro, Cachoeira- Ba.
3. Mislene Muniz
4. Aplicação de Mega Hair, Confecções de tela para Mega Hair.
5. Recomendo sempre para clientes comprarem tônicos capilar, pois, é bom para o crescimento e fortalecimento do cabelo.
6. Crespos e lisos.
7. Com um cabeleireiro de São Paulo.
8. Há 9 anos.
9. 3 pessoas.
10. São cabelos que não utilizam produtos químicos.
11. S/R
12. Para o alongamento dos cabelos, e no processo de tratamento para crescimento.
13. Que o natural cresce, e o cuidado também.

Entrevista 5

1. Lorena Moraes
2. Salão Encrespando. Atua com atendimento domiciliar e não tem espaço físico.
3. Lorena Moraes e Diamila Rodrigues.
4. A proposta do salão é fazer tratamento em cabelos que estão em processo de transição capilar. Fazemos corte de parte química, hidratação capilar, finalização de cachos e penteados em domicílio.
5. Linhas sortidas da indústria de cosméticos, como capicilin, yamá, elseve e linha natural Emi, além de produtos caseiros e naturais.
6. Apenas cabelos crespos e em transição. + informações:
www.encrespando.com.br
7. Pesquisando na internet e testando receitas nos cabelos das amigas. A ideia surgiu a partir da procura de pessoas que decidiram assumir o cabelo crespo e não sabiam como cuidar.
8. Há um ano o projeto existe com atendimento domiciliar.
9. Uma [parceira de salão]
10. Cabelo tal qual a sua concepção natural da raiz, sem intervenção química que modifique a estrutura dos fios.
11. Não se aplica
12. Acredito que a não aceitação do cabelo natural e a vontade de modificar a estrutura dos fios.
13. Não se aplica

Apêndice 2 - Coleta de Dados

Questões aplicadas às freguesas dos salões

1. O que é cabelo crespo?
2. Você considera que o seu cabelo seja crespo?
3. Qual o significado do uso do cabelo crespo para você?
4. Como você trata o seu cabelo?
5. Qual o período em que aplica o tratamento?
6. Que motivo te levou a essa forma de tratar o cabelo?
7. Como as pessoas interpretam o estilo do seu cabelo?
8. Você acha que todas as pessoas que se consideram negras preferem o cabelo crespo?
9. Já sofreu preconceito por conta do cabelo?
10. Se a resposta é positiva, que atitude tomou?

Entrevista 1

1. Um cabelo ressecado.
2. Sim!
3. Porque dá menos trabalho.
4. Com hidratação e produto apropriado.
5. Uma vez por semana.
6. Por eu não gostar da forma como ele se encontra.
7. Normal.
8. Não.
9. Não.
10. Nunca passei por isso. Mas se passasse não ligaria, pois este é o meu estilo.

Entrevista 2 – 31 anos

1. Difícil de cuidar.
2. Sim!
3. Sim!
4. Hidratando.
5. 15 em 15 dias.
6. Melhor facilidade.
7. Estilo.
8. Sim!
9. Não!
10. S/R

Entrevista 3 – 36 anos

1. Cabelo negro.
2. Sim!
3. Origem.
4. Com carinho [aplique de mega].
5. 3 meses.
6. Facilidade, praticidade.
7. Crespo.
8. Não!
9. Não!
10. Continuar com o meu aplique.

Entrevista 4 – Irá 39 anos

1. Cabelo duro, cabelo Black, enfim massa.
2. Sim!
3. Cabelo armado.
4. Permanente.
5. 3 meses.
6. Ficar o mais próximo do meu normal.
7. Aparentemente normal.
8. Não!
9. Sim!
10. Disse apenas que eu decido qual estilo devo usar.

Entrevista 5 - 25 anos

1. Um cabelo indefinido.
2. Sim!
3. Difícil de cuidar.
4. No salão.
5. A cada 2 meses.
6. Estilo.
7. Bem!
8. Não!
9. Não!
10. S/R

Entrevista 6 – Uma funcionária do Salão Cabine de Estética

1. São aqueles que nascem espiralados. São opacos e ressecados pela dificuldade da oleosidade natural do couro cabeludo chegar até as pontas. Geralmente são frisados ou encaracolados.
2. Sim! Pelas características dele, eu o considero crespo. No momento escolhi o uso do processo químico de alisamento.
3. No meu ponto de vista é uma forma de combater o racismo e o preconceito, e uma forma também de assumir sua etnia.
4. Depois do processo químico que faço a cada 90 dias, semanalmente faço escova e uso os tratamentos como cauterização capilar, reconstrutor, hidratação, etc.
5. Semanalmente.
6. Essa foi a forma que achei de facilitar ao pentear e arrumar meus cabelos no meu dia –a- dia.
7. Normal, porque muitas pessoas curtem esse estilo pela facilidade da arrumação.
8. Não! Existem pessoas negras que têm preconceito contra si, principalmente na aceitação da sua aparência.
9. Não!
10. S/R

Entrevista 7

1. Um cabelo que precisa de química para alisar.
2. Sim!
3. Para mim quem usa mostra sua verdadeira identidade.
4. Com o uso de química.
5. De 3 em 3 meses.
6. Obter um cabelo mais domável.
7. Normal.
8. Acho que não. É relativo.
9. Até o momento, que eu saiba não.
10. S/R.

Entrevista 8

1. Cabelo mau tratado.
2. Sim!
3. S/R.
4. Com bastante química.
5. Em ano, em ano.
6. Motivo de festas.
7. Liso.

8. Sim!
9. Não!
10. S/R.

Entrevista 9

1. Cabelo que não é cuidado.
2. Sim!
3. Cabelo duro.
4. Com creme.
5. Em mês em mês.
6. Por festa.
7. Enrolado.
8. Sim!
9. Não!
10. Nenhuma!

Entrevista 10 – Lorena Moraes

1. Cabelos com estrutura capilar em forma de espiral, mais áspero e originário de negros ou que carregam estes traços.
2. Sim!
3. Para mim representa um processo de aceitação e afirmação já que o cabelo crespo é marginalizado.
4. Faço hidratações semanais ou quando houver necessidade, desembaraço e utilizo cremes e óleos naturais, cortes.
5. Não se aplica
6. Não se aplica
7. No início a aceitação foi negativa, sofri muito preconceito pelo uso do cabelo crespo, as pessoas atribuíam a descuido e sujeira.
8. Ainda existe uma forte negação do cabelo crespo, mas existe aumento dessa aceitação por parte da população negra, porém ainda acho que a preferência não é unânime devido a todo processo histórico do nosso cabelo.
9. Sim!
10. Sofri na família e no trabalho através de piadas disfarçadas. No momento não tive reação, apenas mãe calei, porém todo o processo que passei me motivou a criar um blog Encrespando, que tem a proposta de dialogar questões de preconceito e cuidados com o cabelo crespo/cacheado. Este blog virou uma marca de turbantes e acessórios afros e um movimento político de afirmação negra. Com isso comecei a realizar oficinas e motivar as pessoas a enfrentar o preconceito em relação ao cabelo crespo e o ser negro (a).

Apêndice 3 – ETNOGRAFIA

TRANÇAS SOLTAS DA CABELEIREIRA CALIANE ARAÚJO

CABELOS SINTÉTICOS



Figura 1: PC Fotógrafo.

A cabeleireira e trançadeira Caliane Araújo utilizando suas tranças afros feitas com cabelos sintéticos.



Figura 2: Foto PC Fotógrafo



Figura 3: Foto PC Fotógrafo

Acima, encontra-se a fotografia da cabeleireira e trançadeira Caliane Araújo, uma das nossas informantes para nosso trabalho. Abaixo, a foto da sua filha mostrando suas tranças coloridas, soltas e entrelaçadas. Utilizando cabelos sintéticos e miçangas.

TRANÇAS SOLTAS E COLORIDAS DA CABELEIREIRA BABIU



Figura 4: Foto Babiu



Figura 5: Foto Babiu

A modelo é cliente da trançadeira e cabeleireira Jumara Santos (Babiu). Ela utiliza cabelos artificiais e coloridos. São denominadas tranças soltas.

TRANÇAS DA AUTORIA DE BABIU



Figura 6: Foto Maria José



Figura 7: Foto Maria José

A Érica Santos do curso de Cinema, e a Taís Machado do curso de Artes Visuais pela UFRB, aderiram à trança afro. As tranças são de origem africana, especificamente da Nigéria e Angola. Ambas são clientes da cabeleireira Babiu.

TRANÇA NAGÔ DA CABELEIREIRA CALIANE ARAÚJO

CABELOS ORIGINAIS



Figura 8



Figura 9



Figura 10

Fotos 8, 9, 10 - Moura Black. A Daiane dos Santos aderiu à trança nagô como afirmação da identidade negra. Ela é uma das nossas informantes e cliente da trançadeira e cabeleireira Caliane Araújo.

CABELOS

SINTÉTICOS



Figura 11



Figura 12

NATURAIS



Figura 13: Fotos: Marilene Teles

Estas imagens 11, 12 e 13 foram fornecidas pela cabeleireira e empresária do setor capilar Marilene Teles. Ela comercializa cabelos, tanto naturais, quanto sintéticos para suas clientes no próprio salão de beleza.

INSTRUMENTOS UTILIZADOS PELA CABELEIREIRA MICA PARA A CONFEÇÃO DO APLIQUE



Figura 14: Cola Preta



Figura 15: Prancha de Fio a Fio



Figura 16: Colando o cabelo



Figura 17: Preparando-o para o aplique



Figura 18: Tesoura
Fotos Carlos Lombardy



Figura 19: Elastek Preto / Cabelos

Esses são alguns dos instrumentos utilizados para a confecção e para a aplicação dos alongamentos dos cabelos.

ALONGAMENTO REALIZADO PELA CABELEIREIRA MICA CABELOS NATURAIS BRASILEIROS



Figura 20: Foto Mislene Muniz



Figura 21: Foto Carlos Lombardy

Este tipo de alongamento é denominado pelas cabeleireiras de “meia cabeça”, por possuir um limite, próximo ao topo da cabeça da cliente. Essa é uma das clientes da cabeleireira Mislene Muniz recebendo a aplicação do alongamento com cabelos naturais.

ALONGAMENTO REALIZADO POR MARILENE TELES

ANTES



Figura 22 Foto: Mari

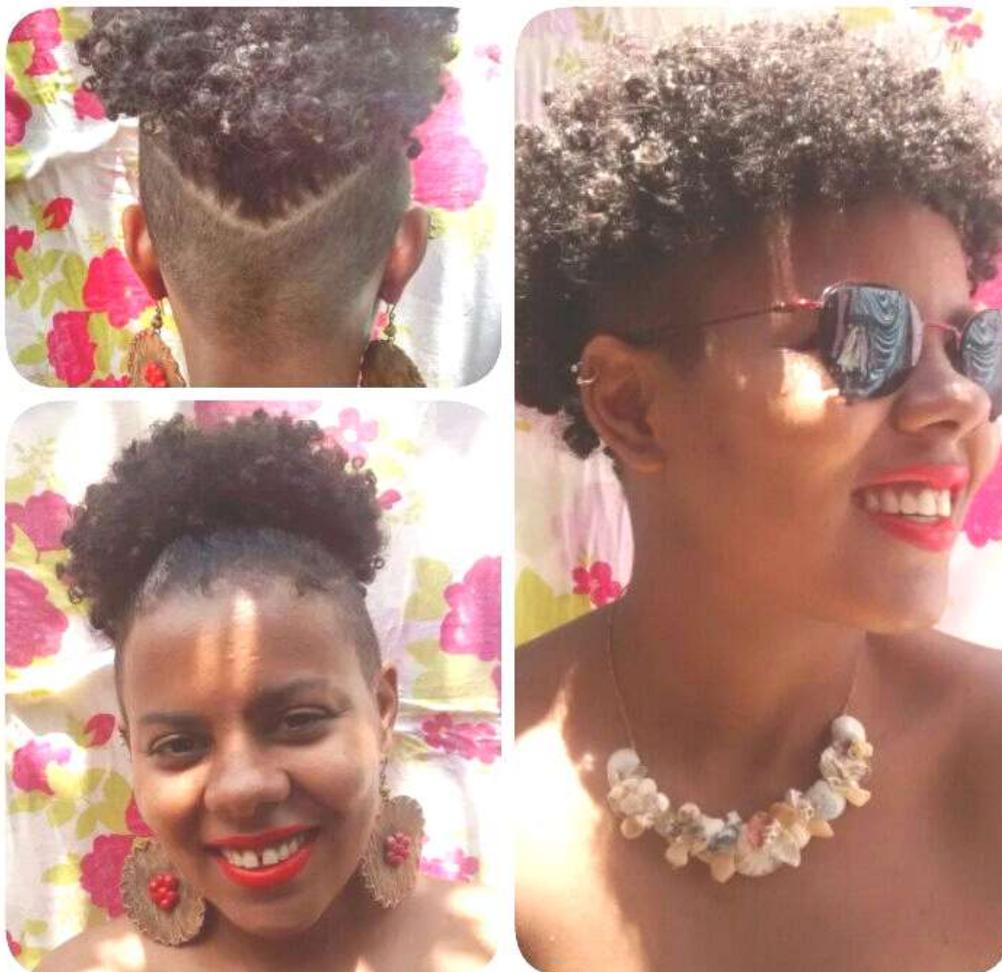
DEPOIS



Figura 23 Foto: Mari

A modelo é cliente da cabeleireira Marilene Teles exibindo os cabelos naturais que serão aplicados aos seus cabelos originais. Nesse caso, o alongamento é total.

O BLACK POWER ASSOCIADO AO CORTE



Figuras 24, 25, 26: Fotos Filipe Ifé

Lorena Moraes é Jornalista pela UFRB e Administradora do blog Encrespando. Uma das profissionais pesquisadas para o nosso trabalho. Militante incansável contra o preconceito racial e na defesa da liberdade e independência da mulher afrodescendente.

1ª MARCHA DE ORGULHO CRESPO DO RECÔNCAVO: NOSSA ESTÉTICA É POLÍTICA



Figura 27



Figura 28



Figura 29



Figura 30: Fotos: Carlos Lombardy



Figura 31

Evento realizado na cidade de Cachoeira – Bahia, pelos discentes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no dia 15 de agosto de 2015 como afirmação da identidade negra e combate ao preconceito da aparência e o racismo. Dia oportuno em que ocorre a Festa da Irmandade da Boa Morte. Uma festa que atrai inúmeros turistas, assim como, adeptos da religião de matriz africana.

DREADSLOOKS / RASTAFARI



Figura 32: Foto: Carlos Lombardy



Figura 33: Foto: Maria José

Cultivando os Dreads



Figura 34: Foto: Carlos Lombardy

Samir Uruhu, Everton Santos e Edcarlos Bonfim aderiram aos Dreads Looks como afirmação da identidade étnica. Eles são Cientistas Sociais pela UFRB. Os Dreads são utilizados pelos afrodescendentes como forma de resistência ao preconceito racial, combate ao racismo, religiosidade e movimento cultural. A figura 30 faz parte da 1ª Marcha do Orgulho Crespo realizada no dia 15 de agosto de 2015 na cidade de Cachoeira - Bahia.